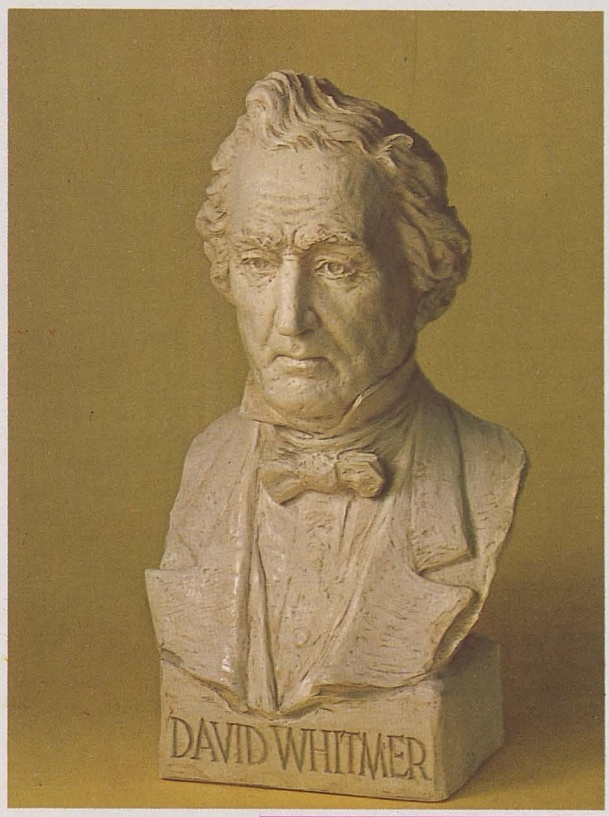
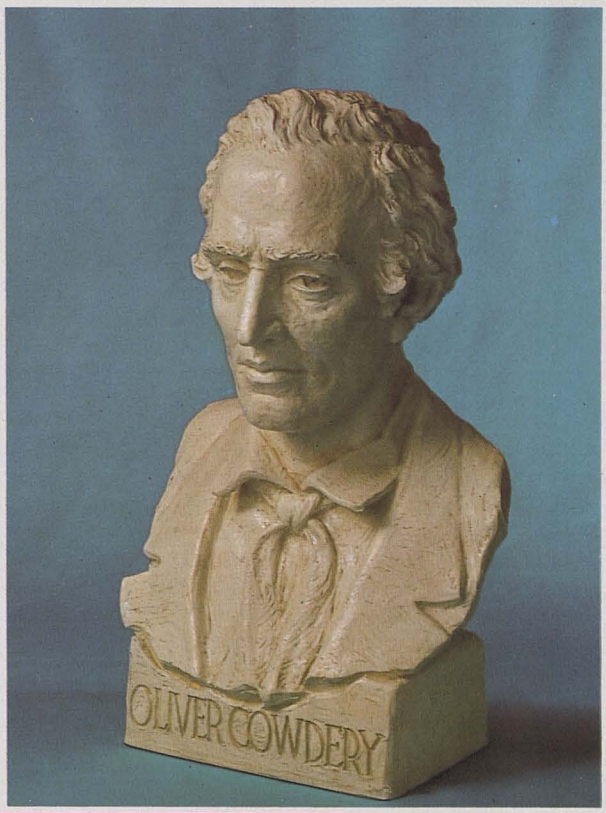
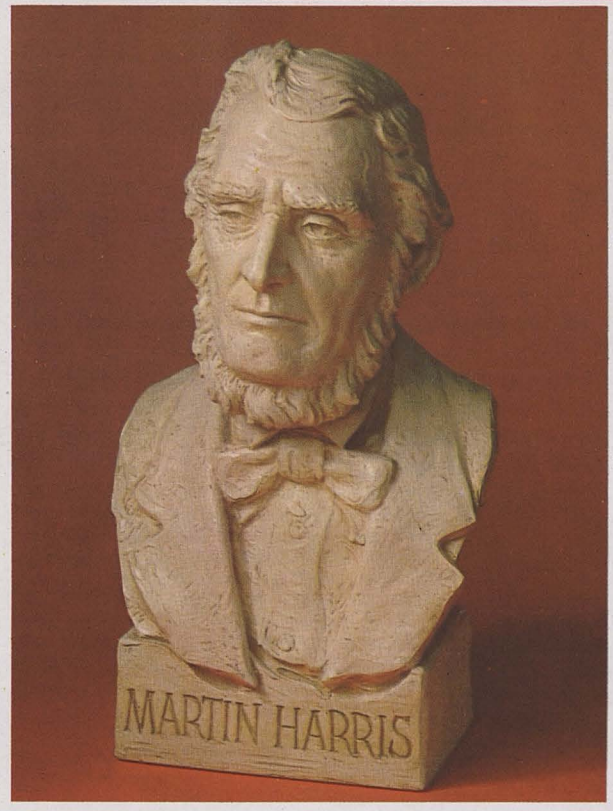




A LIAHONA

JANEIRO 1969







Mensagem de Inspiração

Thomas S. Monson
Do Conselho dos Doze

Costumamos lembrar Davi como menino pastor divinamente comissionado pelo Senhor por intermédio do profeta Samuel. Prefiro recordá-lo como um rapaz honesto com coragem e fé para enfrentar com incomensurável desvantagem ao gigante Golias, o filisteu de Gate, arrostando-o quando os demais haviam hesitado, redimindo assim a Israel.

Seria aconselhável examinarmos detidamente nossa própria vida e considerarmos nossa coragem e nossa fé. Haverá um Golias em nossa vida? Estará êle interpondo-se entre nós e nossa felicidade desejada? O nosso Golias poderá ser a fôrça opressora do cigarro, ou a sêde inextinguível de álcool. Poderá ser a língua irrefreável ou o impulso egoísta que leva a desprezar aos pobres e oprimidos. A inveja, a cobiça, o mêdo, a preguiça, a dúvida, o vício, o orgulho, a luxúria, o egoísmo, o desânimo — representam Golias em nossa vida.

A batalha pela nossa alma imortal não é menos importante que a travada por Davi. O inimigo não é menos terrível, nem o auxílio de Deus mais distante. De que maneira agiremos? Nossa causa é justa como a de Davi na antiguidade. Não fomos colocados na terra para fracassar ou ser vitimados pelas armadilhas da tentação, mas para alcançarmos sucesso. Nosso gigante, nosso Golias, deve ser derrotado.

Neste Número

A Obtenção do Mais Alto Sucesso. David O. McKay 3
Um Raio de Luz na Escuridão da Guerra. Gordon B. Hinckley ... 5
Quatro Testemunhos sôbre o Livro de Mórmon 8
Obediência à Lei. John H. Vandenberg 9
O Primogênito do Rebanho. Amy Hilliard Jensen 11
O Que Deseja Que o Ano Nôvo lhe Traga? 15
Consternação na Cozinha. Helen Hinckley Jones 16
Ensino para Mudar Vidas. Clark D. Webb 17
O Programa de Atletismo da AMM 19
Fidelidade à Verdade. Stephen R. Covey 21
O Samaritano. Suzanne Eyestone 23
Obra de Amor 24
Dois Conversos Falam Sôbre a Igreja. Ed Pruyn 25
Quanto Deseja Pagar pelo seu Dinheiro? Melvin L. Brain 26
Discursos da Primeira Presidência na Conferência Geral 27
A Liahona Mirim. Suplemento Especial nas páginas centrais

Capa

Das testemunhas do Livro de Mórmon, quatro ilustram a capa dêste mês. Os bustos, à partir da esquerda em cima: Oliver Cowdery, David Whitmer e Martin Harris, são da autoria de Ed Fraughton. O busto de Emma Smith, espôsa do Profeta, foi esculpido por Elaine Evans.

Vol. 22 — JANEIRO DE 1969 — Número 1

A LIAHONA

Publicação Mensal editada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editor
Hélio da Rocha Camargo

Redator
F. Máximo

Centro Editorial Brasileiro
R. São Tomé, 520 — V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675

Estaca São Paulo
R. Iguatemi, 1980, São Paulo, SP

Missão Brasileira
R. Henrique Monteiro, 215, CP 862
São Paulo, SP — Tel. 80-4638

Missão Brasileira do Sul
R. Dr. Flôres, 105, 14.º — CP 3071
Pôrto Alegre, RGS

Missão Brasileira do Norte
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
Rio de Janeiro, GB

Missão de Construção
R. Itapeva, 378 — Tel. 33-6761
São Paulo, SP

A LIAHONA — Órgão Oficial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em língua portuguêsa, acha-se registrado sob o número 93 do Livro B n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e periódicos, conf. o Dec. 4857 de 9-11-1930.

Composto pela Linotipadora João A. Godoy, R. Abolição, 263. Fotolito do texto: Art-Color Ltda., R. Independência, 157/159. Impresso por Litográfica Comercial, R. Independência, 213, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "Unified Magazine".

Subscrições: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: NCr$ 6,00; para o Exterior simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: NCr$ 0,60; exemplar atrasado NCr$ 0,80. As mudanças de enderêço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo enderêço, devendo-se aguardar 8 semanas para o processamento postal.



A Obtenção do Mais Alto Sucesso

Presidente David O. McKay

No maravilhoso sermão que contêm as bemaventuranças, o Salvador disse: "Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça e tôdas estas coisas vos serão acrescentadas." (Mateus 6:33) Alguns estudiosos relacionam "estas coisas" com as virtudes mencionadas nos parágrafos precedentes do capítulo, mas outros mais sábios as aplicam, como tudo o mais que êle disse, à vida universal do homem.

ADMOESTAÇÃO À JUVENTUDE POR OCASIÃO DO ANO NÔVO

Neste Ano Nôvo, gostaria de aplicar os ensinamentos expressos durante a vida do Salvador à vida de cada um dos filhos de Deus.

Jesus Cristo não falou sòmente a uns poucos seguidores de então, mas a tôda a humanidade. Assim, valho-me dessa admoestação para aplicá-la aos jovens de tôda a parte: buscar primeiro o reino de Deus e a sua justiça. Asseguro aos jovens que tôdas as outras coisas necessárias e proveitosas lhes serão acrescentadas.

Associo essa importante admoestação ao que em certa ocasião escreveu Sir Humphrey Davy:

"Se pudesse escolher entre tôdas as demais coisas, a que me parecesse ao mesmo tempo a mais deleitável e proveitosa, preferiria a firme crença religiosa a tôdas as demais bênçãos."

Escolhi essa citação em virtude dos têrmos "a mais deleitável" e "proveitosa". Há no mundo um número bastante grande de pessoas que procuram tornar-se úteis por meios contrários à busca do reino de Deus. Em outras palavras, a vida divide-se em dois grandes planos: o animal e o espiritual. Observando-se atentamente o mundo que nos rodeia, chegaremos à conclusão de que a maior parte das pessoas procura deleitar-se no plano animal, em vez de procurar o espiritual. Após muitos anos de experiência, digo-o de tôdo o coração, especialmente aos jovens, que a utilidade, o prazer, a alegria e a felicidade nesta vida provêm da obediência à admoestação de Jesus Cristo: Buscar em primeiro lugar o reino de Deus.

A FÓRMULA PARA O SUCESSO

Expressando os meus mais sinceros votos para êste ano que se inicia, digo-lhes: "Se pretendem alcançar sucesso completo e maior satisfação mental, pra-

tiquem na vida diária os ideais do Evangelho de Jesus Cristo." Não hesito em afirmá-lo sem reservas, pois tenho a certeza de que o resultado será aquêle que indiquei. Tornará nossos jovens filhos e filhas mais zelosos, estudantes mais brilhantes, companheiros mais agradáveis, amigos mais leais, melhores membros da sociedade, e no futuro, pais e mães mais dignos, trazendo-lhes assim maior sucesso no cumprimento dos desígnios da sua criação aqui na terra.

Exorto aos estudantes a procurarem sobressair-se nas vocações e profissões que escolherem, a serem mais eficientes, mais úteis ao próximo, a obterem maiores alegrias pessoais. Seja qual fôr a profissão ou vocação escolhida, determinem-se a sobressair-se nela.

NOSSA VIDA É REGIDA PELO QUE PENSAMOS

Embora tenha recomendado aos estudantes que se sobressaiam nas profissões que escolherem, existe algo mais importante do que isto. É o que faz o homem que serve à humanidade, é o que torna a mulher encantadora, amorosa e dedicada aos que lhe são caros; aquilo em que o homem realmente acredita, em que crê de todo o coração, que acalenta no decorrer da vida, que o orienta na escola, no salão de baile, na sociedade e em tôdas as suas atividades: no lar, na Igreja e no trabalho. Aquilo em que êle realmente pensa é que determina a sua vida. Para mudarmos o homem, temos que mudar o seu modo de pensar. O homem não pode ir além dos seus ideais. Poderá não alcançá-los, mas jamais ultrapassá-los.

Paulo o exprime de outra maneira:

"Porque a carne milita contra o espírito, e o espírito contra a carne, porque são opostos entre sí, para que não façais o que por ventura seja do vosso querer." (Gálatas 5:16-17)

É uma afirmação muito significativa. Em seguida, Paulo enumera as tendências da carne, as quais se manifestam na:

"...prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissenções, facções.

"Invejas, bebedices, glutonarias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como outrora já vos prevení, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam." (Gálatas 5:19-21)

"Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua Justiça...", isto se consegue pensando e vivendo segundo os frutos do espírito.

"...amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade.

"Mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei.

"E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com suas paixões e concupiscências.

"Se vivemos no espírito, andemos também no espírito." (Gálatas 5:22-25)

UM GUIA SEGURO NO ÊRMO

Tempos atrás, li sôbre um guarda florestal que notou um cordão preso a uma árvore e que se perdia numa densa floresta. Decidiu seguir o cordão a fim de descobrir o que significava. Atravessou a vegetação rasteira, pulou galhos caídos, prosseguindo com dificuldade até que finalmente encontrou um caçador tendo na mão o que restara de um rôlo de barbante. Indagando qual a serventia dêle, o caçador respondeu: "Soube de homens que se perderam nestes êrmos, pelo que providenciei um meio de encontrar o caminho de volta, caso viesse a me desorientar."

Todos nós andamos mais ou menos a êsmo na floresta humana. Alguns perdem o senso de orientação; outros, mais sábios, possuem uma âncora e conseguem encontrar o caminho de volta, mesmo quando se desviam da rota ou ficam confusos nos dédalos da sociedade humana.

Esta âncora é Evangelho de Jesus Cristo e seus ideais. Felicidade, segurança, caráter superior ao intelecto, resultam do apêgo a esta âncora. Sejam fiéis aos ideais de honestidade, virtude e castidade — a âncora da vida, trazendo paz e felicidade à sua alma, seguindo êsses ideais na vida diária. Sei que serão mais felizes agindo dessa forma. Não é uma crença nem uma admoestação. Tôda a alegria, tôda a felicidade poderá pertencer-lhes se apegarem-se aos ideais estabelecidos por Jesus Cristo:

"Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, e tôdas estas coisas vos serão acrescentadas." (Mateus 6:33)



Um Raio de Luz na Escuridão da Guerra

Gordon B. Hinckley
Do Conselho dos Doze

O comovedor testemunho do Presidente McKay sôbre o Senhor ressurecto, proferido esta manhã, tocou meu coração e emocionou-me profundamente. Espero que ninguém aqui presente jamais esqueça êste testemunho do nosso Profeta.

Se me fôr concedida a inspiração do Senhor, quero usá-lo como tema.

Falei anteriormente sôbre a guerra do Vietnam dêste mesmo púlpito. Gostaria de que me fôsse permitido voltar ao assunto por que sei que está na mente e no coração de milhares de concidadãos nossos, cujos filhos lá se encontram. O bem-estar dos nossos entes queridos é o fardo constante dos nossos pensamentos e orações. Mesmo as demais nações preocupam-se bastante com a guerra.

Ninguém que tenha estado no Vietnam, como fiz por várias vezes, e que tenha sentido, ainda que em pequena parte, o terrível infortúnio daquela terra, poderia deixar de incluir em suas orações diárias uma súplica pela paz. Esta guerra, como as demais, está repleta de males horríveis e tragédias inenarráveis. Não pretendo minimizar nenhum dêles.

Mas a despeito dos males e tragédias, vejo um raio argênteo iluminar o sombrio e sangrento quadro dêsse conflito. Vejo o dedo de Deus colhendo algo de bom dos desígnios maléficos do adversário. Vejo surgindo dêsse conflito, da mesma forma como o testemunhei em outros na Ásia, o engrandecimento da obra do Senhor.

Há pouco tempo estive em Saigon. O pequeno taxi desmantelado nos levou por uma rua lamacenta até o local de reunião do ramo de Saigon. Já era noite, a fôrça elétrica fôra cortada, como acontece freqüentemente, e a escuridão sob o pesado aguaceiro era opressiva.

O caminho estreito que levava até o local de reuniões transformara-se num riacho. Contornando-o por um trecho de terreno um pouco mais elevado, veio uma pequena figura, de guarda-chuva aberto, para nos cumprimentar. Ao abrir a porta do taxi, reconheci o Irmão Minh, élder da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, o primeiro vietnamita a receber o sacerdócio de Melquisedeque.

Abrigados no alpendre, êle nos pediu permissão para traduzir o Livro de Mórmon para o idioma nativo. Perguntei-lhe de que forma encontraria o tempo neces-

sário para fazer êsse trabalho. Seu emprêgo lhe tomava longas horas de trabalho tedioso. Respondeu que algum dia o Evangelho teria que ser pregado em seu país, então o povo iria necessitar do testemunho do Livro de Mórmon, e que de um modo ou de outro, arranjaria o tempo necessário. Falava inglês e lera o Livro de Mórmon, sentiu o seu espírito e tinha a certeza de que seus compatriotas também seriam tocados se pudessem lê-lo em seu próprio idioma.

Estou convencido de que, como o Irmão Minh, há e haverá muitos naquela terra que algum dia aceitarão a mensagem do Evangelho restaurado. Não sei quando será, mas tenho certeza de que tal dia virá e que os esforços dos nossos filhos que lá estão em serviço militar tornarão possível que isso aconteça. Sem a presença dêles eu teria pouca esperança para os próximos cinqüenta anos.

Gostaria de narrar uma experiência sagrada e inspiradora. No dia 30 de outubro de 1966, um domingo, mais de 200 membros da Igreja reuniram-se no último andar do Hotel Caravelle, no centro de Saigon. Foi uma reunião inspiradora com discursos proferidos pelo Élder Marion D. Hanks, Presidente Deith E. Gardner e outros. Ao falar como último orador, senti-me inspirado a dedicar aquela terra à pregação do Evangelho, tendo para isso recebido autorização do Presidente McKay.

Visto que a oração de dedicação foi proferida numa reunião pública, penso não ser impróprio repetir aqui uma parte das palavras que me foram inspiradas naquela ocasião:

"Ó Deus, Pai Eterno, com coração humilde, reunimo-nos hoje, nesta terra do Vietnam, país lacerado pela guerra, destruição e dissenções. Reunimo-nos no nome do teu Filho, Jesus Cristo, Príncipe da Paz, para invocar tua benção especial...

"Temos visto em outras regiões da Ásia a maneira pela qual tens convertido a mão e a obra do adversário para o bem e a bênção de muitos dos teus filhos, e agora rogamos que derrames o teu espírito sôbre esta terra. Imploramos, Pai nosso e nosso Deus, que os corações dos líderes em luta entre sí seja tocados pelo espírito de compreensão; que lhes dês a conhecer que todos os homens são teus filhos, e portanto irmãos; e que implantes em todos êles o desejo de trabalharem pelo término dêste grande conflito; que cheguem a um acôrdo honroso, que promova a causa da liberdade e da justiça, e garanta a influência daqueles que amam a liberdade...

"Santo Pai, muitos homens justos, portadores do teu sacerdócio, vieram a êste país em virtude da guerra, e enquanto aqui, procuraram estabelecer a tua divina obra nesta parte da terra. Partilharam o Evangelho do teu Filho com seus companheiros, irmãos americanos e o povo vietnamita. Com gratidão testemunhamos o batismo de alguns dêles. Por isso sentimos ser conveniente agora, mediante a autorização a nós concedida pelo teu profeta, a quem ungiste e designaste para dirigir a tua obra nestes dias, dedicar esta terra e invocar as tuas bênçãos sôbre ela.

"Assim, vimos a ti, no exercício do santo sacerdócio e pela autoridade do santo apostolado em nós investido, dedicamos e consagramos esta terra do Vietnam do Sul à pregação do Evangelho de Jesus Cristo, restaurado através do Profeta Joseph Smith Que daqui por diante, Pai, esta terra possa sentir uma dimensão maior do teu espírito, para que o coração do seu povo e dos seus líderes seja tocado. Que êles possam abrir seus corações à pregação da verdade e recebam o Evangelho do teu Filho, e que aquêles que tenham estas bênçãos, sintam em seus corações uma nova urgência de partilhar com os demais os grandes dons, poderes e autoridades que têm e que receberam de ti...

"Abre o caminho para a vinda dos missionários, e faz com que o trabalho dêles seja frutífero, trazendo grande e duradouro proveito para a vida do povo.

"Para isto buscamos tuas bênçãos neste dia santificado, ao nos curvarmos diante de ti, reconhecendo com coração agradecido a tua bondade para conosco... em nome de Jesus Cristo, Amém."

No momento ainda não temos missionários regulares naquêle país, e não sei quando será possível enviá-los. Mas tenho certeza de que tal dia chegará. Enquanto isso, civís e militares estão partilhando o Evangelho e ensinando-o aos que os procuram, sem desrespeito a qualquer regulamento oficial.

Através dos seus esforços o trabalho da Igreja está sendo estabelecido em diversas regiões, inclusive o registro legal da Igreja na Tailândia. Duvido que isto tivesse se tornado possível sem o concurso dos membros devotados e capazes que lá se encontram em vir-

tude da guerra. Que o Senhor os abençoe pelo desejo que têm de partilharem os preciosos dons do Evangelho.

Tenho me impressionado pelos sacrifícios da nossa gente em prol da construção de casas de oração em muitas partes do mundo, mas nunca fui tão tocado como ao testemunhar a reação à sugestão feita pelo nosso presidente regional no Vietnam, um oficial do Exército, há dois anos. Sugeriu que os nossos irmãos que já estavam pagando seus dízimos, contribuíssem com seu soldo adicional de combate para um fundo de construção. Isto representa a quantia extra recebida pelos homens em serviço de campanha. Os homens do ramo de Saigon contribuiram com mais de 3.000 dólares num único domingo, e no espaço de trinta dias, no Vietnam todo as ofertas chegaram a mais de 18.000 dólares. Onde mais em todo o mundo poderíamos encontrar maior expressão de fé do que a dêsses militares que deram à causa da paz o dinheiro que receberam por riscos de campanha? Êles o deram para a construção de edifícios que nunca chegarão a usar ou mesmo ver, mas que algum dia beneficiarão o povo cuja liberdade ajudaram a preservar.

Que o Senhor os abençôe por sua generosidade, e que a paz do Senhor conforte os corações dos seus pais apreensivos e aflitos, que implantaram e cultivaram nos filhos a fé que hoje irradia calmamente numa região obscurecida pelas lutas.

Espero que alguns pais entristecidos devido a que seus filhos não puderam fazer missão em virtude da convocação para o Serviço Militar, sintam-se mais confortados com a certeza de que seus filhos podem executar um eficiente trabalho por meio do seu exemplo e que estão ajudando os Filhos do nosso Pai Celestial que vivem naquela parte do mundo. Sôbre isto não tenho dúvidas.

Tenho presenciado o protótipo do que irá suceder ao testemunhar o desenvolvimento desta obra em outras nações antigas da Ásia: Coréia, Formosa, Okinawa, Filipinas, Japão; onde agora já contamos com mais de 25.000 santos dos últimos dias, erguendo o véu das trevas em países onde o Evangelho terá que ser pregado algum dia.

Na semana passada li uma interessante declaração de Brigham Young, que dizia:

"Serei muito feliz quando souber que os povos do arquipélago das Índias Orientais (que entendo serem os países do sudeste asiático) e de tôdas as ilhas e continentes, tanto os grandes como os humildes, os ignorantes e os instruidos, receberam as palavras da vida eterna e que lhes foi concedido o poder do sacerdócio eterno do Filho de Deus..." (Journal of Discourses, V. 8, p. 7).

Não estou defendendo a guerra dêste púlpito. Não existe resposta simples para ela; os problemas são complexos, vão quase além da nossa compreensão. Procuro apenas chamar a vossa atenção para êsse raio argênteo, embora tênue, mas que irradia a esperança, iluminando o quadro sombrio da guerra; isto é, o estabelecimento de uma cabeça de ponte, ainda que pequena e frágil, mas que, de alguma forma, mediante os misteriosos caminhos de Deus, será fortalecida e da qual futuramente emanará a grande obra que afetará para melhor a vida de muitos dos nossos irmãos.

Essa maravilhosa congregação será o fruto da semente plantada durante os sombrios anos de guerra, quando portadores justos do sacerdócio, civis e militares, pelo exemplo das suas vidas e pela inspiração dos seus ensinamentos, lançaram os alicerces sôbre os quais se estabeleceu a grande obra.

Gostaria de ler um trecho de uma carta recebida de um dos nossos irmãos no Vietnam:

"Há dias, em Phu Bai, observei um jovem, membro da Igreja, lendo o livro **Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro,** (para que pudesse ensinar aos que porventura o interpelassem a respeito da Igreja). O livro estava imundo, assim como as suas mãos, mas não chegou a reparar na sujeira, pois estava imerso na leitura."

Ao procurar visualizar êsse jovem soldado de infantaria em sua imunda farda de campanha, estudando o Evangelho logo após ter voltado de uma patrulha pela selva, dois quadros delinearam-se na minha mente: o lar no qual fôra criado, onde se ora constantemente por sua segurança; e o dia em que as nuvens da guerra se desfarão, e haverá paz naquela terra, congregações edificadas sôbre os alicerces lançados por êsses nossos irmãos que agora lá se encontram. Êsse dia virá, disso estou certo.

Que o Senhor abençôe os nossos fiéis irmãos na Ásia, e nos conceda a visão que nos permita ver além dêsse dia negro, o dia em que, em virtude dos grandes serviços que prestaram, seu reino nos últimos dias possa incluir muitas almas naquela parte da terra. É o que peço humildemente, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Quatro Testemunhos Sôbre o Livro de Mórmon

O Livro de Mórmon foi escrito em delgadas placas de ouro que permaneceram ocultas na terra até serem entregues ao Profeta Joseph Smith. Transcrevemos aqui os testemunhos de quatro pessoas às quais foi dado a conhecer que o livro é de origem divina e que sua tradução foi inspirada por Deus.



Emma **espôsa do Profeta Joseph Smith:**

"Creio que o Livro de Mórmon é de autoria divina — quanto a isso não tenho a menor dúvida. Estou convencida de que nenhum homem poderia tê-lo escrito se não por inspiração; pois, ao trabalhar como escrevente, vosso pai (Joseph) ditava horas a fio; e ao retomar o trabalho, após as refeições ou depois de ser interrompido, êle imediatamente prosseguia no ponto em que parara, sem rever o manuscrito ou que alguém lhe lesse qualquer parte dêle. Isto acontecia habitualmente. Seria pouco provável que um homem erudito conseguisse fazê-lo; para uma pessoa... tão pouco instruida quanto êle seria simplesmente impossível... (Joseph Smith III, "Last Testimony of Sister Emma," Saints Advocate, Vol. 2 (October 1879) p. 52)



Martin Harris

"Eu sei que o Livro de Mórmon é autêntico... Sei que as placas foram traduzidas pelo dom e poder de Deus, pois sua voz nô-lo declarou; portanto sei com certeza que a obra é autêntica. Pois certa vez não tive sôbre meus joelhos durante uma hora e meia as placas enquanto conversava com Joseph...? Sim, tive-as. E tôdas as placas traduzidas por Joseph Smith, eu as manuseei com minhas próprias mãos, uma por uma." (Millennial Star, Vol. 21, p. 545)



Oliver Cowdery

"Eu escrevi, com minha própria caneta, todo o Livro de Mórmon (exceto umas poucas páginas) conforme saía da bôca do Profeta Joseph Smith, quando o traduzia pelo dom e poder de Deus... Êle contém o Evangelho eterno, e foi entregue aos filhos dos homens em cumprimento do que fôra revelado." (Millennial Star, Vol. 21, p. 544)



David Whitmer

"Aconteceu em fins de julho de 1829. Joseph, Oliver Cowdery e eu estávamos reunidos quando o anjo as mostrou... Elas nos foram mostradas da seguinte maneira: Joseph, Oliver e eu estávamos sentados numa tora quando fomos engolfados por uma luz mais gloriosa do que a do sol. No meio da luz... apareceu uma mesa sôbre a qual havia muitas placas... eu as vi... e pude ouvir distintamente a voz do Senhor declarando que os registros das placas do Livro de Mórmon foram traduzidos pelo dom e poder de Deus. (Millenial Star, Vol. 43, p. 437)

O Bispado Presidente Fala à Juventude Sôbre

Obediência à Lei

O falecido produtor cinematográfico Cecil B. De Mille disse certa vez: "Não podemos quebrar os Dez Mandamentos, podemos apenas quebrar a nós mesmos de encontro a êles..." Hoje em dia, vemos ao nosso redor algumas pessoas que quebraram a si mesmas e a suas vidas de encontro às leis de Deus e às leis do país. O objetivo da Igreja é o de evitar que as pessoas destruam suas vidas pela violação das leis que foram estabelecidas como salvaguarda contra danos e pesares. O principal propósito da lei, genéricamente falando, é não sòmente o de prevenir problemas mas também proporcionar orientação para o desenvolvimento.

As palavras que se seguem são conhecidas pela maioria dos rapazes:

"Pela minha honra, prometo fazer tudo ao meu alcance a fim de cumprir com o meu dever para com Deus e para com o meu país, e obedecer à Lei dos Escoteiros; a sempre auxiliar o meu próximo; a conservar-me fisicamente forte, de mente alerta e moralmente limpo."

Esta é uma das muitas leis destinadas a proporcionar orientação para uma vida digna e produtiva. Guardando a lei de Deus e do país, o jovem conseguirá manter-se "fisicamente forte, de mente alerta e moralmente limpo."

Ninguém conseguirá sobressair-se em qualquer atividade a não ser que obedeça às leis que a regem.

O plano de Satanás fracassará porque viola a lei eterna. Carlyle o exprimiu muito bem quando disse: "Tôdas as grandes inteligências obedecem respeitosamente a tudo que lhes seja superior; sòmente as almas pequenas são contrárias."

A obediência à lei é o princípio básico do progresso. O cientista, por exemplo, só consegue enviar uma nave à lua quando leva em conta as leis físicas que governam o universo. Da mesma forma, sòmente obedecendo às leis de Deus é que conseguiremos superar nossas fraquezas da mortalidade e finalmente receber as bênçãos da exaltação. O Senhor declarou: "Há uma lei, irrevogàvelmente decretada nos céus, desde antes da fundação dêste mundo, na qual se baseiam tôdas as bênçãos.

"E quando de Deus obtemos uma bênção, é pela obediência àquela lei na qual a bênção se baseia." (D&C 130:20-21)

Enquanto a obediência à lei é òbviamente necessária à obtenção do progresso, a desobediência tem o efeito contrário: leva-nos à regressão. Saul, o brilhante jovem que foi ungido pelo profeta Samuel para ser o rei de Israel, era um líder promissor. Ao apresentar Saul ao povo, Samuel disse: "Vêdes a quem o Senhor escolheu? Pois em todo o povo não há nenhum semelhante a êle. Então todo o povo rompeu em gritos, exclamando: Viva o Rei!" (1 Samuel 10:24)

Infortunadamente, Saul foi vitimado pelo seu próprio orgulho; veio a pensar que como rei estava acima da lei. Em certa ocasião arrogou-se o ofício do profeta e ofereceu um holocausto ao Senhor. Quando soube o que acontecera, Samuel disse-lhe: "Procedeste nèsciamente em não guardar o mandamento que o Senhor teu Deus te ordenou; pois teria agora o Senhor confirmado o teu reino sôbre Israel para Sempre. .

"Já agora não subsistirá o teu reino. O Senhor buscou para si um homem que lhe agrada..." (1 Sm. 13:13-14)

Se Saul tivesse obedecido à lei de Deus, poderia ter sido um grande rei. Contudo a sua desobediência lhe trouxe logo longos períodos de melancolia e solidão. Finalmente, durante uma batalha contra os filisteus em Gilboa, Saul suicidou-se lançando-se sôbre sua própria espada.

Hoje em dia alguns jovens pensam que podem desrespeitar a lei. Essas pessoas insensatas procuram controlar os outros quando nem mesmo aprenderam a controlar a si mesmas. As estatísticas mostram que o número de presos adultos está decrescendo, enquanto que as prisões de menores têm aumentado.

Poucos dêsses jovens se dão conta do prêço da desobediência às leis. Tal prêço comumente é tido como o encarceramento; contudo, vai muito além disso. Ainda que o jovem sentenciado seja beneficiado com a suspensão da pena e não precise ir para a penitenciária, priva-se dos seus mais preciosos direitos de cidadão. Os registros da sua sentença permanecem e as sombras da dúvida quanto ao seu caráter e à sua integridade permanecerão também. Jamais poderá receber um passaporte e nenhum outro país o admitirá como residente.

Jamais poderá assumir um cargo governamental, e os cargos de confiança para os quais se exige uma carta de fiança provàvelmente não estarão ao seu alcance. Mesmo retendo a sua cidadania, não terá o direito de votar. E quando a nação convocar os seus jovens para o serviço militar, êle estará excluído.

Existem aquêles que consideram a lei de Deus e as leis do homem como fontes permanentes de conflito e restrições. Êste é um ponto de vista imaturo, digno sòmente de uma criança. A maturidade deveria levar o indivíduo a reconhecer que a obediência às leis nos permite viver acima delas e livrar-nos das dôres e pesares que provêm da violação.

A verdadeira liberdade é, na verdade, o produto da obediência a princípios e leis corretas. Isto nunca foi tão claramente manifesto como na vida do nosso Salvador. Nenhum outro homem viveu tão livre como êle. Em virtude da sua obediência à vontade do Pai, conseguiu superar as fraquezas da vida mortal, que geram os problemas do resto da humanidade. Seus sofrimentos no Getsêmani e na cruz, em obediência à vontade do Pai, tornaram possível a nossa liberdade. E através da obediência, êle foi "aperfeiçoado e tornou-se o autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem." (Hb. 5:9)

Como membros da Igreja, os jovens deveriam obedecer a Deus e afastarem-se de qualquer raciocínio ou filosofia que defenda a desobediência à lei, sejam quais forem os motivos que tal ideologia pareça advogar. Deus declarou: "Que nenhum homem desobedeça às leis da terra, pois o que guarda as leis de Deus não tem necessidade de desobedecer às leis da terra." (D&C 58:21)

A desobediência à lei, seja por rebeldia malévola, por discordar dela ou por simples imprudência, sempre colhe as mesmas tempestades e revela imaturidade. Por outro lado, a obediência às leis da terra e de Deus é sinal de verdadeira maturidade. Como disse Robert E. Lee: "Não poderemos ser verdadeiros homens sem aprendermos a obedecer."

Recentemente, um pai foi entrevistado pelos repórteres sôbre seu filho. Não porque seu filho recebera alguma honraria especial, mas por ter sido acusado de um crime. A voz do pai ao falar com os jornalistas denotava profunda depressão; tudo que conseguiu dizer foi: "Êste é o dia mais triste da minha vida."

As estatísticas indicam que esta cena trágica não é mais um acontecimento isolado. E no entanto, o crime e a ilegalidade entre a juventude, e o sofrimento e a angústia dos pais poderiam ser virtualmente eliminados se esta lei promulgada no Sinai, há muitos séculos, fôsse respeitada: "Honra a teu pai e a tua mãe..." (Ex. 20:12)



O Primogênito do Rebanho

Amy Hilliard Jensen

Já é tarde, a casa está quieta e as crianças aprontam-se para dormir. Mesmo Paul, que nos últimos meses, após a morte do pai, tem enchido as noites com a sua presença, já está deitado devido aos exames trimestrais que irá enfrentar na Universidade.

Sento-me à meia luz, recordando o que se passou no escritório do bispo esta tarde. Falamos sôbre a missão de Paul, e agora me pergunto: Teria êle adivinhado o que se passava realmente no meu coração? Eu dissera as coisas certas: "A decisão caberá a êle, bispo. Conversaremos sôbre o assunto e oraremos." Mas intimamente eu gritava em rebelião: **Não, é muito cedo!**

Jamais dissera "não", sempre dissera "sim", ou "farei todo o possível." A parte financeira poderia ser resolvida de uma forma ou de outra, e, para Paul, seria maravilhoso. Mas o que fariam Susan, Jimmy e Joe sem o seu irmão mais velho a quem adoravam? E onde poderia eu encontrar fôrças para mandar meu filho em missão, logo após a morte do pai? Êle era o primogênito do nosso rebanho. De que forma poderia suportar a sua partida?

Repentinamente essas palavras evocam memórias e recordo a primavera na casa de apartamentos amarela da colina. A primavera em que encontrei a Igreja, ou que encontrei a mim mesma.

"Jennie, sinto muito. Eu realmente não sabia." Levantou meu queixo trêmulo delicadamente. "Agora vamos, maninha, sorria."

Ocorrera aqui em Seattle, pouco antes da guerra. Tinha 17 anos de idade e estava enamorada de um rapaz de olhos castanhos chamado Roger. Êle era tão inconstante como o clima de Seattle, mas justamente devido a jamais poder ter certeza de que gostava de mim, o encantamento aumentava.

Mamãe, em quem se resumia a minha família, administrava o edifício de apartamentos de estilo pseudo-espanhol com seus compridos corredores sombrios e a vista para o estreito de Puget, onde morávamos.

Certo dia, no início da primavera, Roger apareceu no colégio e acompanhou-me até em casa. Demoramo-nos defronte à larga porta de entrada conversando sôbre o baile da primavera da universidade onde êle se especializava em matemática.

Não me convidara ainda ao baile, mas tinha a certeza de que o faria. Segurava os seus livros descuidadamente, apoiando-os contra o quadril, encostado contra o muro revestido de estuque amarelo enquanto eu sentava-me na escada. Era uma ocasião agradável. Freqüentemente Roger implicava comigo, sabendo quanto eu gostava dêle. "Sabe, na minha classe há uma ruiva maravilhosa chamada Ginger", disse certa vez. "Puxa, seria capaz de me interessar por ela!" Embora suas palavras não me tivessem ofendido, magoei-me por êle ter notado Ginger e por meus cabelos serem de um castanho comum.

Mas naquele dia estava bem-humorado e falávamos sôbre a faculdade. "Dentro de um ano você também estará lá", comentou. "Então carregarei os livros para você." Um dos seus raros sorrisos formou covinhas nas suas faces, e quando o via assim, não chegava a notar que sua bôca denotava certa fraqueza de caráter, como mamãe observara certa vez.

Então inclinou-se para mim: "Você será a minha namorada, Jennie," disse. Meu coração, apanhado de surpresa, quase parou e depois disparou fazendo o sangue subir ao rosto. Foi então que a porta verde se abriu e mamãe apareceu.

"Olá, Roger," disse sorrindo brevemente. "Jennie, preciso da sua ajuda. Aluguei o apartamento do sub-solo e os novos inquilinos chegarão a qualquer momento. Necessitarão de louça e utensílios de cozinha." No mesmo instante, um velho Dodge azul parou rangendo na faixa de estacionamento debaixo do nosso velho sabugueiro.

Mamãe saiu, o rosto iluminado por um sorriso caloroso. "Bem, então conseguiram chegar!" Depois nos apresentou: "Jennie, êste é Lyle Holbrook... e êste é Bill Smith. Rapazes, esta é minha filha e aqui, Roger Daniels."

Êle é simpático, pensei, enquanto os rapazes cumprimentavam-se. Fôra Lyle que chamara minha atenção. Tinha cabelos escuros e seus olhos eram um pouco travessos, mas suas maneiras eram tão francas que me senti um pouco vexada com Roger, que nunca parecia à vontade quando não estávamos sòzinhos.

"Você está cursando a universidade?" Perguntou Lyle a Roger. "Estou," respondeu êste com o olhar velado. "Bill e eu fazemos odontologia." Depois voltou-se para mim e sorriu.

Mamãe observou: "Vocês poderiam levar o carro para a garagem? Assim descarregariam a bagagem perto do apartamento."

Quando o carro contornou ruidosamente a esquina, Roger apontou para a placa. "Parece que seus amigos são de Utah."

"Você tem razão." comentou mamãe. "Bem tenho que por mãos à obra, passe bem Roger. Você vem, Jennie?"

"Já vou, mamãe. Roger, por que você não fica também? Talvez mamãe lhe arranje algum trabalho." Não estava falando por falar, não queria que êle se fôsse.

A porta já se fechara, mas Roger baixou a voz: "Não me sinto à vontade perto da sua mãe, querida. É melhor eu ir andando." Tentei não demonstrar a minha mágoa. "Então está bem," disse-lhe.

Agarrou a minha mão e apertou-a. "Talvez eu telefone." Depois, começando a afastar-se, acrescentou: "Sabe, é melhor cuidar-se com êsses indivíduos. Provàvelmente são mórmons." Antes que eu pudesse responder, desapareceu dobrando a esquina e desceu a rua assobiando.

Roger tinha razão quanto a isso. Lyle e Bill eram mórmons. Mas não tínhamos que ficar de ôlho neles. Após terem ocupado o apartamento por algum tempo, mamãe comentou: "Acho êsses dois os jovens mais simpaticos que já conhecí."

Sabia porque pensava assim. Éramos vizinhos da universidade, freqüentemente tínhamos inquilinos estudantes. Mas algumas vêzes havia bebedeiras, traziam moças para o apartamento ou deixavam-no sujo. Lyle e Bill eram diferentes. Freqüentavam a escola e a Igreja, lavavam suas roupas, cuidavam da limpeza e escreviam cartas para casa. Quando iam às compras, geralmente ofereciam-se para levar mamãe, apesar de que ela sempre me encarregasse disso.

Nos sábados cuidavam da roupa. A máquina de lavar do prédio era um velho monstro manhoso que exigia um níquel a cada quinze minutos, por isso, na primeira vez que pretenderam usá-la, desci para mostrar-lhes como manejá-la. E alí, na lavanderia cheia de vapor das roupas molhadas, ouví falar, pela primeira vez, sôbre as verdades do Evangelho.

É lógico que já conhecia algo sôbre os mórmons, pelas aulas de história e por um filme que vira. Ouvira falar de Brigham Young, do caso dos pioneiros e do Grande Lago Salgado. Mas não sabia nada sôbre suas crenças. Não sei porque o têrmo "mórmon" sempre significara para mim uma seita estranha, soando alienígena como o têrmo "budista".

"Falem-me um pouco sôbre sua religião," pedi-lhes, pouco me importando que pudesse parecer uma curiosidade infantil. Êles o fizeram e foi uma hora maravilhosa. Agora, sempre que ouço a história das placas de ouro, revejo os dois jovens, em velhas camisas de malha, contando-me a origem do Livro de Mórmon, enquanto passavam a roupa pelos rolos compressores.

A roupa ficou pronta muito antes de conseguirem satisfazer a minha curiosidade. "Por que você não vem conosco à Igreja no próximo domingo, junto com sua mãe?" Propôs Lyle. "Sempre temos visitantes e penso que vocês irão gostar."

Quase deixei de ir, pois Roger dissera que talvez telefonasse no domingo. Mas mamãe insistiu: "Francamente Jennie, você vive sonhando com êsse rapaz! Será ótimo se êle telefonar e não encontrar você em casa."

Assim, fomos à Igreja Mórmon. Era um prédio velho e gasto, uma sede da Legião Americana, não uma verdadeira igreja. Mas lá dentro, como a madrepérola no interior da concha áspera da ostra, reinava um espírito luminoso. Nunca ouvira cantar daquela maneira. E o serviço religioso, tão simples que mesmo as crianças podiam participar, comoveu-me tão profundamente que fiquei sentada com lágrimas escorrendo pelas faces. Foi estranho, mas sentia-me em casa.

Mamãe não falou muito, mas pude sentir que o espírito também a tocara. Uns poucos dias mais tarde, ela convidou Lyle e Bill para jantarem. Não puderam demorar-se, mas durante a refeição, conversamos sôbre a Igreja e seus princípios.

"Não consigo entusiasmar-me com o dízimo", observou mamãe. "Dez por cento dos rendimentos parece-me uma quantia muito elevada. Tratando-se de pessoa abastada, claro, o caso pode ser outro."

Lyle sorriu: "Parece-me muito, eu sei. Mas as bênçãos que provêm do pagamento do dízimo simplesmente não podem ser calculadas em têrmos de dinheiro. Quando estive em missão, costumava explicar que o verdadeiro dízimo é oferecermos ao Senhor as primícias de tudo quanto possuímos. Não apenas dinheiro, mas também nosso tempo e nossas fôrças."

Quão estranho parecia ouvir tais coisas duma pessoa tão jovem, na verdade, sòmente alguns anos mais velha do que Roger. Procurei imaginar o que êle diria, pois nunca havíamos conversado sôbre religião, sempre parecia querer recuar quando eu tentava falar de assuntos sérios.

Roger procurou-me naquela noite, após Lyle e Bill terem-se ido. "Consegui o carro do meu pai," disse-me. "Vamos dar uma volta." Meu pulso acelerou-se, talvez me convidasse para o baile da universidade.

Peguei um agasalho, pois havia chovido, abracei mamãe ignorando seus olhares sérios e saí precipitadamente. Primeiro fomos jogar boliche e tudo estava perfeito. Então chegaram uns companheiros de Roger e estragaram tudo. Como pode gostar dêles? Perguntei-me tentando não ouvir suas observações grosseiras.

Depois fomos de carro até um penhasco de onde podíamos avistar os navios fundeados no pôrto com suas luzes cintilando por entre a garôa. Roger chegou mais perto. Eu estivera pensando no jantar com Lyle e Bill, e nas respostas que haviam dado às nossas perguntas. Então, sentindo o cheiro penetrante de fumo no seu hálito, voltei o rosto.

"O que há com você? Você esteve esquisita esta noite," disse-me. "Aquêle mórmon não está querendo intrometer-se, não é?" Eu sabia que se referia a Lyle.

"Não diga bobagens." Afastei-me indignada. "Êle está por demais ocupado com os estudos para pensar em garotas. Mas, na verdade, êle é um sujeito simpático. Fêz missão de dois anos para a Igreja."

"Dois anos!" Observou Roger. "Eu jamais desistiria de dois anos da minha vida a fim de ser missionário!"

Olhei para êle. Seu perfil, da testa até a bôca, destacava-se como uma silhueta escura, mas algum jôgo de luz fundiu o queixo numa sombra disforme. "Roger," indaguei, "Você não leva nada a sério?"

Êle riu. "Claro que sim, preocupo-me comigo mesmo."

"Oh, Roger! Isto não é brincadeira." Meus olhos ardiam cheios de lágrimas. Procurou acercar-se e eu o repelí violentamente.

"Muito bem." Fêz um longo silêncio quebrado sòmente pelo ruido do limpador de parabrisa. "A propósito, pretendia dizer-lhe algo." Suas palavras soaram frias e distantes como a chuva lá fora. "Convidei Ginger para o baile da universidade. Temo que seja um pouco requintado demais para você."

Depois recuou o carro para a estrada e levou-me para casa.

Na manhã seguinte, ainda meio adormecida, relembrei o acontecido. Roger deixara-me em casa sem uma desculpa, sem um adeus. E o orgulho impedira que eu dissesse algo.

Contei a mamãe o que acontecera. Seus belos olhos castanhos demonstraram o pesar que sentia por mim, mas eu sabia que intimamente sentia-se aliviada. "Haverá outros rapazes," comentou.

Mas eu não conseguia esquecer tão fàcilmente. Como um dedo faltando na mão, havia um vazio que magoava. Enchi páginas e páginas do meu diário e rabiscava poesias fúnebres. Ia ao cinema com as amigas e voltava para casa correndo e perguntava se alguém telefonara. E quando encontrava casais de namorados andando de mãos dadas, voltava cuidadosamente o olhar para o lado oposto.

Lyle deve ter sabido do que acontecera. Certo dia ao encontrar-me varrendo a calçada, observou: " Ânimo, Jennie, você é uma garota bonita demais para abater-se dessa forma." Sorri agradecida. "Por que você e sua mãe não vem novamente conosco à Igreja?"

Nós o fizemos, e mais uma vez foi como se tivessemos chegado em casa. Não tardou em transformar-se num hábito: Escola Dominical, Reunião Sacramental, reunião da AMM. Algumas vêzes ía com mamãe ou então uma das novas amigas vinha buscar-me. Várias vêzes fui em companhia de Lyle e Bill. Encarava-os como os irmãos que tanto desejara ter.

Repentinamente tudo mudou. Certo domingo de maio dei-me conta de que não pensava em Roger havia

várias semanas. Quando sentia o perfume das glicínias ou ouvia uma canção de amor no rádio, sempre me parecia estar pensando em Lyle.

Senti-me chocada. Êle sempre me tratara amigàvelmente, mas nada além disso. Pus-me a imaginar se acaso êle supunha que eu ainda gostava de Roger, ou que era moça demais? Talvez existisse mais alguém.

Mas eu não queria pensar assim. Meu coração romântico estava repleto de sonhos. Levava-os comigo para a escola e com êles retornava para casa. À noite, enquanto lavava a louça, procurava fazer poesias mentalmente. Às vêzes, andando de manhã, a felicidade interior parecia uma carga elétrica que tinha que escapar através das pontas dos pés e dos dedos.

Então, certa manhã de sábado, Lyle veio ao saguão procurar a caixa de correspondência no momento em que eu pegava a nossa. Tirou as cartas da sua caixa. Procurei falar naturalmente. "Cartas de casa, Lyle? Suponho que a sua namorada lhe escreve, não?"

"Naturalmente, tôdas as semanas," respondeu levantando os olhos da carta que estava abrindo. Prosseguiu, sorrindo francamente: "Não sabia que você se importava."

Imediatamente meus olhos encheram-se de lágrimas. Engolindo desesperadamente, não consegui falar. Lyle que voltara a ler a carta, ergueu novamente o olhar, ainda sorrindo. Logo a sua expressão tornou-se séria. Baixei os olhos, contudo o mal estava feito. Naquele breve instante, cada um de nós falara do fundo do coração.

Com voz gentil, disse: "Jennie, sinto muito. Eu realmente não sabia." Levantou meu queixo trêmulo delicadamente. "Agora vamos, maninha, sorria." Consegui arremedar um sorriso e tentei encontrar algo espirituoso e engraçado para dizer, mas em vão. Fiquei ali parada, sorrindo e fungando.

Deu-me seu lenço, olhando delicadamente pela janela enquanto eu enxugava meus olhos. "Sabe, Jennie, um dos princípios mais maravilhosos é o casamento para a eternidade. É algo que aprendi desde pequeno. Mesmo antes de fazer missão, já sabia quem eu desejava desposar. Você é muito parecida com ela."

Voltou-se e repentinamente arrepiou meus cabelos. "De fato, espero que antes que o velho Roger perceba o que perdeu, você se filie à Igreja." Falou em tom casual, mas os seus olhos continham uma indagação.

Afinal consegui falar. "Uma vez missionário, sempre missionário." Rimo-nos juntos. Voltei ao apartamento enquanto Lyle descia as escadas para o seu.

Teria sido tão fácil deixar de freqüentar a Igreja mórmon. Embora tenha sido tão bondoso, a recusa de Lyle humilhara-me muito mais que o fora de Roger. Contudo, eu sabia que se me afastasse da Igreja por causa de Lyle, ou melhor, por causa do meu orgulho, estaria perdendo algo que se tornara muito precioso para mim.

Os dias foram passando. Continuei escrevendo no meu diário, pois ocorriam-me muitos pensamentos que desejava pôr no papel e avaliar. Levou-me algum tempo mas enfim cheguei à conclusão que não estivera realmente apaixonada por Lyle. Acontecera apenas que êle era o tipo de pessoa que eu desejava amar algum dia. Quanto a Roger, não tinha certeza. Às vêzes pensava nêle, mas com cuidado, como se toca uma ferida recém-cicatrizada.

Então certa noite êle apareceu. Era bem do seu feitio agir como se tudo entre nós continuasse como dantes. Foi depois do jantar, num sábado à noite, e queria que fôsse dançar com êle. "Estou nadando em dinheiro," disse-me, batendo no bolso trazeiro e sorrindo insinuante como nos velhos tempos.

"Lamento, Roger," repliquei, "mas já tenho outros planos."

Olhou-me melindrado. "Olhe, Jennie," falou mansamente, "sinto muito não haver telefonado. Sabe, eu nunca cheguei a sair com Ginger. Suponho que estivesse apenas com ciúmes daquele camarada lá debaixo." Seus olhos escuros ainda tinham o poder de me comover.

Por um momento hesitei. Isto poderia ter significado tanto para mim há um mês. Tive vontade de chorar. Mas agora era tarde demais. O que me oferecia era como dar um colar de imitação a quem já viu uma pérola. Como poderia contentar-me com menos?

"Sinto muito," repliquei, "hoje pretendo ir a uma festinha da AMM. Sabe, decidi tornar-se um santo dos últimos dias."

E assim nos despedimos, Roger sorrindo forçadamente, o que magoou mais do que êle poderia imaginar.

A noite já vai adiantada e eu estou cansada de tanto recordar. Amanhã o bispo telefonará e eu estou preparada, pois agora me pergunto o que teria sido da minha vida se não tivesse conhecido Lyle Holbrook.

Não creio que tivesse chegado a me casar com Roger, mas quem sabe? Houve um tempo em que eu comparava a vida a um rio que, de uma forma ou de outra, desemboca no oceano, não importa que direção tome. Assim, também nós acabaríamos voltando à presença de Deus. Mas isto nem sempre corresponde à realidade. Um rio nascente, desviado do seu curso natural pode secar ou perder-se num charco de águas estagnadas.

Por isso, meu coração volta-se com gratidão para Lyle Holbrook e para a Igreja, que envia jovens como êle a pregar o Evangelho por todo o mundo. Pois foi na Igreja que encontrei meu espôso Jim e nela nos casamos para o tempo e pela eternidade.

Agora, o primogênito do rebanho recebera um chamado. Haverá alguém, seja onde fôr, esperando pela mensagem que êle levará? Se assim fôr, então êle tem que fazê-lo. O Senhor me concedeu vinte anos da vida do meu filho, dois anos são uma retribuição bem pequena. Quando o bispo telefonar, Paul terá orgulho em dar-lhe a sua resposta. Quanto a mim, já fiz a minha escolha naquela noite em que me despedí de Roger.

O Que Deseja que o Ano Nôvo lhe Traga

VOCÊ DESEJA PAZ?

Então terá que sentí-la em sua própria alma. Crie em seu lar um céu de serenidade, livre de confusões e desordem. "A minha paz vos dou," disse o Salvador. Aceite êsse dom e obedeça à sua vontade a fim de que possa obtê-lo.

VOCÊ DESEJA ALEGRIA?

Então deixe a felicidade da bondade, do viver os mandamentos impregnar a atmosfera em que vive. "Os homens existem para que tenham alegria." Aceite êsse dom com a compreensão da parte que lhe cabe em tornar sua vida feliz.

VOCÊ DESEJA AMOR?

Então seja amorosa e amável. Não tema exprimir seu amor em palavras e ações. Aumente sua capacidade de amar, servindo ao próximo. Aceite o dom do amor que Deus lhe concede, pois êle próprio é o amor.

VOCÊ DESEJA TEMPO?

Então aprenda a dar-lhe mais valor e usar com mais sabedoria as horas, minutos e mesmo os segundos. Conseguir o tempo necessário para fazer tudo o que desejamos depende sòmente de nós. Aceite êsse dom do tempo.

VOCÊ DESEJA OPORTUNIDADES?

Então dê atenção às possibilidades mais próximas. Se você deseja progredir pessoalmente, amplie seu horizonte, crie suas próprias oportunidades para estudar, observar, crescer. Aceite êsse dom das oportunidades e trabalhe para obter o que deseja.

Queridas irmãs, oramos para que vocês obtenham neste ano tudo o que desejam para o seu próprio bem. Esperamos que obtenham neste NÔVO ANO, paz, alegria, amor, tempo e oportunidades, juntamente com todos os ânseios justos dos seus corações. Que as bênçãos do nosso Pai Celestial acompanhem vocês.

PRESIDÊNCIA GERAL

Marianne C. Sharp
1.ª Conselheira



Belle S. Spafford
Presidente



Louise W. Madsen
2.ª Conselheira



Naquele dia, reinava consternação geral na cozinha da sede da estaca, pois a gelatina de legumes não "queria tomar forma". Tudo estava pronto — deliciosos pãezinhos salpicados de tomilho, alecrim e orégano; ponche feito de suco de maçãs e gengibirra, sôbre o qual boiava uma porção de morangos gigantes; doces, leves como nuvens; pudins deliciosos. Mas de que serviriam tôdas estas guloseimas se em menos de duas horas noventa irmãs estariam almoçando e a salada com gelatina teria que ser servida em tigelas e comida com colher, porque estava mole.

Consternação na Cozinha

Helen Hinckley Jones

"A salada de gelatina não endureceu." A informação sussurrada sugeria mesmo uma calamidade nacional. Êste almôço era importante. A junta da Sociedade de Socorro da estaca pretendia homenagear os oficiais e professôras das alas, após a última reunião de liderança do ano.

A salada apresentava um aspecto perfeito, de um rosado delicado e carregada, todos o sabiam, de coisas deliciosas como pequenos camarões, creme de leite, cebolinhas picadas, etc. Mas todos que sacudiam uma das doze fôrmas ou tentavam examinar a consistência com a ponta da faca, concordavam pesarosos — "ela não endureceu."

As irmãs, — tôdas elas cozinheiras perfeitas, menos uma — estavam em pânico pois não costumavam fracassar.

"Bem, teremos que sair e conseguir alface e atum para prepararmos nova salada," decidiu Silvia.

Finalmente, um tanto tímida e humilde, a cozinheira inexperiente se fêz ouvir. Ela estava acostumada com surpresas desagradáveis. Quando a sobremesa de gelatina não endurecia, ela a usava para fazer um ponche e servia-o com biscoitos. Quando um creme, ou pudim de tapioca ou sagú recusava-se a tomar corpo, ela o empregava como molho sôbre talhadas de pera em conserva. Se o bolo ficava muito úmido, servia-o em fatias salpicadas de açucar; se estivesse ressecado, tarnsformava-o em pudim acompanhado de creme de limão. Quando provava seu bôlo de carne e via que ainda estava meio crú, partia-o em fatias que grelhava com um pouco de môlho para churrasco. A gelatina inconsistente não lhe parecia uma emergência, nem mesmo um desafio incomum.

"Compre alface, agrião e outras verduras frescas que puder encontrar no mercado mais próximo. Pique-as e arrume-as misturadas, regando tudo com a gelatina" sugeriu.

"Iremos tôdas à cerimônia de abertura e agiremos como se nada houvesse," ordenou Cecília. E assim fizeram. Mas durante o período de instrução uma das irmãs saiu para comprar as verduras.

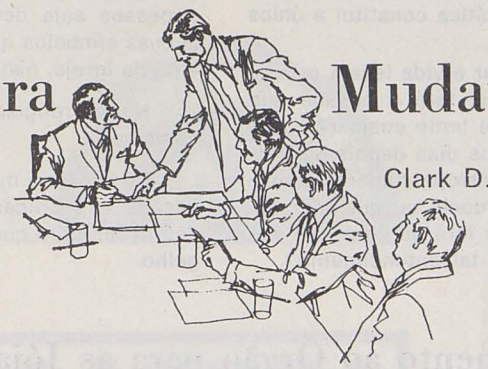
"Não contem a ninguém o que aconteceu com a salada," Silvia exigiu. Mas naturalmente um segrêdo tão bom não pode ficar guardado. "Esta é a melhor salada que já provei," comentavam as irmãs. "Que môlho de salada mais delicioso! Podem dar-nos a receita?"

O sucesso é uma coisa maravilhosa — e é natural que o procuremos. Mas talvez necessitemos de algumas gelatinas que não querem tomar corpo para que aprendamos a transformar a derrota em vitória. Talvez a nossa engenhosidade viesse a definhar se nunca tivéssemos que enfrentar situações inesperadas. Muitas importantes descobertas científicas foram feitas através de pequenos enganos que alteraram o método ou a composição, resultando num produto nôvo.

Um velho provérbio diz: "Nada melhor que o sucesso." A expressão oposta desta mesma verdade poderia ser: "Nada pior que o fracasso." Mas isto não está certo. Não há nada que desenvolva nossa engenhosidade, nossas habilidades como uma "uma gelatina que não tomou corpo," e nenhum sucesso nos parece tão doce como o que provém de um quase fracasso.

ESCOLA DOMINICAL

Ensino Para Mudar Vidas



Clark D. Webb

Há dois mil anos, assim disse Jesus Cristo:

"Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquêle que faz a vontade de meu Pai que está nos céus." (Mateus 7:21)

Em 1905, quando era superintendente assistente da Escola Dominical da Estaca Weber, David O. McKay escreveu sôbre a ajuda que se deve prestar aos alunos para que pratiquem o conceito da lição. Disse então: "Não é suficiente conhecer o bem, é preciso praticá-lo." Sessenta e seis anos mais tarde, o psicólogo Victor B. Cline, após ter comprovado que a conduta religiosa visível dos grupos sociais (inclusive dos santos dos últimos dias) "não tem quase nenhuma relação" com a prática da verdadeira caridade cristã, escreveu: "Isto certamente indica que os professôres terão fracassado totalmente, se o que ensinarem às crianças e aos adultos não mudar em nada as suas vidas para melhor."

As implicações dessa afirmação são claras: Não é o conhecimento do Evangelho que salva, mas a prática do que êsse conhecimento nos revela. O que estão fazendo os professôres da Escola Dominical para ajudarem os alunos a viverem conforme o seu entendimento? O Propósito dêste artigo é o de sugerir um meio concreto pelo qual se possa conduzir os alunos "ao caminho da ação", como o exprimiu o Pres. McKay.

A maior parte do aprendizado parece ocorrer em três etapas identificáveis: experiência — pensamento — ação. Primeiramente, temos impressões sensoriais: olhamos, ouvimos, cheiramos, provamos, tocamos, recolhemos fatos. Estamos buscando. Então pensamos sôbre essas experiências: debatemos, sopesamos valores, procuramos conselho, oramos, estabelecemos metas, buscamos inspiração divina, internalizamos valôres espirituais. Formamos conceitos. Finalmente, aplicamos os conceitos e princípios que aprendemos: aproveitamos as oportunidades para fazer aquilo que sabemos ser preciso fazer, fazêmo-lo entusiàsticamente, refreamo-nos quando necessário, fazemos o que acreditamos ser o certo. Estamos agindo.

Acentuar o terceiro passo no processo de aprendizado — aplicação — consiste em ajudar os alunos a "fazer a vontade do Pai." As lições deverão ter como objetivo não o simples conhecimento do conceito, mas sim a ação dos alunos demonstrando o conhecimento. Freqüentemente os professôres creem que é isso o que estão fazendo e que não precisam modificar seu método a fim de incluir esta idéia. Mas comparemos algumas afirmações de professôres que ilustram a diferença entre o ensinar para modificar vidas e ensinar para modificar conhecimentos. O professor está concluindo a lição, observe-se as duas maneiras de abordar o assunto:

PARA MODIFICAR O CONHECIMENTO

1. "Irmãos, temos que ajudar nossos companheiros de quórum."
2. "Todos nós devemos fazer oração familiar."
3. "Assim, vemos que prestar serviço ao próximo é um dos mais importantes princípios do Evangelho."
4. "Bem, meninos e meninas, assim vocês viram como é importante obedecer aos pais."

PARA MODIFICAR VIDAS

1. "Irmãos, já que concordamos em que devemos fazer algo de concreto para ajudarmo-nos mùtuamente, o que sugerem?"
2. "Se vocês ainda não costumam fazer a oração familiar regularmente, estariam dispostos a dar o primeiro passo para alcançar essa meta hoje mesmo, reunindo a família a fim de orarem juntos?"
3. "Sônia, o que você pretende fazer por alguém esta semana para demonstrar que entendeu o princípio da prestação de serviço?"
4. "Crianças, contem-me algumas maneiras de demonstrar amor pelos pais... E agora pediremos a cada um de vocês que escolham duas coisas que farão na próxima semana a fim de provar que amam a seus pais."

O ensino que modifica o conhecimento depende quase que exclusivamente do emprêgo de palavras para que o aluno consiga o entendimento desejado pelo professor. O ensino destinado a alterar a conduta utiliza as palavras não tanto para transmitir conhecimento, mas sim para induzir à ação, para ajudar os membros da classe a fazer o que devem. A prática constitui a única maneira eficiente de aprendizado.

O ensino destinado a modificar a vida levará o mestre a indagar sèriamente: "O que fará a pessoa que realmente entendeu o conceito que tento ensinar?" Isto é, como agirá um santo dos últimos dias depois de "entender" o que significa oração, arrependimento, casamento no templo, poder do Sacerdócio ou qualquer outro princípio do Evangelho? O que fará de diferente das outras pessoas que não possuem tal entendimento?

Esta ênfase quanto à conduta dos alunos pode tornar-se bastante compensadora. Poderá reduzir a tendência que têm os professôres de considerar que seus alunos aprenderam um conceito quando sabem discorrer sôbre o mesmo. A capacidade de falar acêrca da oração ou da obediência não garante, necessàriamente, que a pessoa seja devota ou obediente. As palavras são apenas símbolos que representam uma realidade; no ensino da Igreja, não serão nunca a própria realidade.

Nossa religião não é sòmente uma idéia. É um caminho.

No próximo mês apresentaremos algumas recomendações específicas sôbre como estabelecer as metas das lições para que ajudem os alunos a **viverem** o Evangelho.

Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais

Darwin K. Wolford



Jóias Sacramentais para Janeiro

ESCOLA DOMINICAL SÊNIOR

"Porque eis que esta é a Minha obra e Minha glória: proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem."
(Moisès 1:39)

ESCOLA DOMINICAL JÚNIOR

"Amarás o teu próximo como a ti mesmo."
(Mateus 22:39)

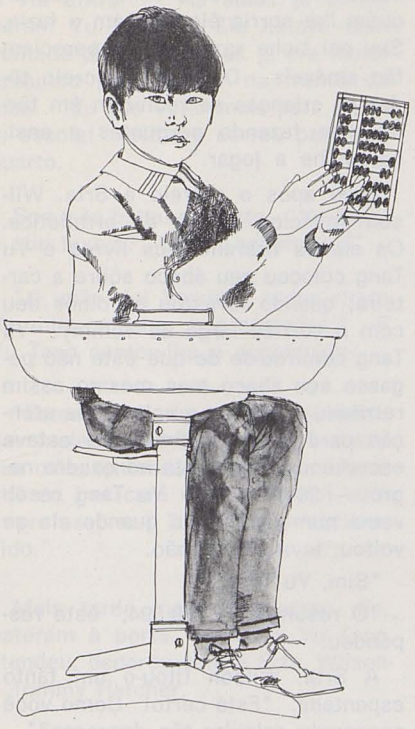
A LIAHONA MIRIM

JANEIRO Suplemento Infantil 1969

Seleções do "The Children's Friend" Copyright 1968

A Máquina de Fazer Amigos

Gayleene Daugherty



"Você tem que causar boa impressão no seu primeiro dia nessa escola," observou a mãe de Yu Tang.

Yu Tang mostrou as mãos para serem inspecionadas e permitiu que a mãe examinasse suas orelhas. Sua mãe sorriu ao entregar-lhe os cadernos e a caneta. Yu Tang apanhou o pequeno ábaco que seu tio Chu Li lhe dera quando a família partiu para a América. "Esta será sua máquina mágica para o nôvo país," dissera-lhe. "Ela o ajudará a conseguir novos amigos."

Ao aproximar-se da escola, Yu Tang sentiu-se muito nervoso. Tinha esperança de que as outras crianças gostassem dêle e o tratassem com amizade. "Se você fôr amável, êles também o serão," dissera o pai naquela manhã.

No momento em que Yu Tang entrou no caminho que levava à escola, um menino louro mais ou menos do seu tamanho, correu atrás duma bola de futebol. Chocou-se com Yu Tang a tôda velocidade, e os dois rolaram no chão.

O menino levantou-se sòzinho. "Ó, sinto muito. Você está bem?"

O ensino que modifica o conhecimento depende quase que exclusivamente do emprêgo de palavras para que o aluno consiga o entendimento desejado pelo professor. O ensino destinado a alterar a conduta utiliza as palavras não tanto para transmitir conhecimento, mas sim para induzir à ação, para ajudar os membros da classe a fazer o que devem. A prática constitui a única maneira eficiente de aprendizado.

O ensino destinado a modificar a vida levará o mestre a indagar sèriamente: "O que fará a pessoa que realmente entendeu o conceito que tento ensinar?" Isto é, como agirá um santo dos últimos dias depois de "entender" o que significa oração, arrependimento, casamento no templo, poder do Sacerdócio ou qualquer outro princípio do Evangelho? O que fará de diferente das outras pessoas que não possuem

Esta ênfase quanto à conduta dos alunos pode tornar-se bastante compensadora. Poderá reduzir a tendência que têm os professôres de considerar que seus alunos aprenderam um conceito quando sabem discorrer sôbre o mesmo. A capacidade de falar acêrca da oração ou da obediência não garante, necessàriamente, que a pessoa seja devota ou obediente. As palavras são apenas símbolos que representam uma realidade; no ensino da Igreja, não serão nunca a própria realidade.

Nossa religião não é sòmente uma idéia. É um caminho.

No próximo mês apresentaremos algumas recomendações específicas sôbre como estabelecer as metas das lições para que ajudem os alunos a **viverem** o Evan-

Acompanham





—Jó

ESCOLA DOMINICAL

"Porque eis que esta é a Minha obr
porcionar a imortalidade e a vida e

"Bom dia," respondeu Yu Tang, limpando o pó da roupa. "Eu estou bem."

"Eu sou Tommy Hatcher," disse sorridente, ajudando a apanhar os cadernos de Yu Tang. "Você é nôvo aqui, não é?"

"Sou sim, hoje é o meu primeiro dia," respondeu Yu Tang ao apanhar seu ábaco. "Eu me chamo Yu Tang."

"Ei, o que é isso?" Tommy apontava o ábaco.

"É o meu ábaco," explicou Yu Tang Não conseguia entender por que Tommy perguntava.

"P'ra que serve?"

"Para resolver problemas de aritmética," tornou Yu Tang, desconfiando de que o rapaz estivesse zombando.

Tommy riu. "Você está brincando. Em que classe está você?"

"Meu pai disse que deveria procurar o quinto ano," explicou Yu Tang. Sentia-se um tanto confuso pois em Hong Kong não freqüentavam classes de acôrdo com a idade.

"Eu também estou na mesma classe," sorriu Tommy. "Vamos, eu lhe mostrarei a nossa sala."

"Muito obrigado."

Tommy riu. "Além do mais, quero ver a cara da Srta. Wilson quando você lhe disser que vai resolver problemas de aritmética com essa coisa."

Tommy levou Yu Tang por um comprido corredor. "Esta é a nossa sala." Abriu a porta e conduziu o menino até à frente. "Srta. Wilson, êste aqui é Yu Tang, êle é nôvo aqui."

A Srta. Wilson sorriu-lhe. "Bem, estou muito contente em conhecê-lo."

Naquele momento a sineta tocou; rapazes e meninas entraram correndo.

"Meninos e meninas," disse-lhe a professôra, "por favor tomem seus lugares em silêncio. Quero apresentar-lhes seu nôvo colega."

Todos encararam Yu Tang e sorriram. Êste sentiu-se constrangido ali, de pé, na frente da sala.

"Êste é Yu Tang, êle veio da China," disse a professôra sorrindo-lhe. "Estou certa de que você gostará de estar aqui conosco e sei que será capaz de nos contar uma porção de coisas interessantes sôbre a China."

A manhã começou muito bem para Yu Tang. Estava começando a sentir-se à vontade e sempre que alguém lhe sorria êle também o fazia. Seu pai tinha razão, todos pareciam tão amáveis. Durante o recreio tôdas as crianças se reuniram em tôrno dêle fazendo perguntas e ensinaram-lhe a jogar."

Logo após o recreio a Srta. Wilson anunciou a aula de aritmética. Os alunos tiraram seus livros e Yu Tang colocou seu ábaco sôbre a carteira; quando levantou os olhos deu com o sorriso largo de Tommy. Yu Tang admirou-se de que êste não pegasse seu ábaco mas mesmo assim retribuiu o sorriso e voltóu sua atenção para a professôra. Ela estava escrevendo uma conta no quadro negro — 2679 × 86. Yu Tang resolveu-a num instante e quando ela se voltou, levantou a mão.

"Sim, Yu Tang?"

"O resultado é 230.394," êste respondeu.

A Srta. Wilson fitou-o um tanto espantada. "Está certo! Como você conseguiu calcular tão depressa?"

Yu Tang sorriu feliz e levantou seu ábaco.



"Mas você não poderá usar isso aqui, Yu Tang, "explicou a Srta. Wilson.

Tommy começou a rir e seus colegas o acompanharam. Yu Tang sentiu-se confuso; pensou que estivessem rindo dêle. Agarrou seu ábaco e despencou-se da sala.

"Yu Tang, espere!" chamou a professora. Mas êle saiu correndo do prédio e não diminuiu a marcha até alcançar a segurança do seu lar.

A mãe olhou surpreendida quando o viu entrar. "As aulas já terminaram Yu Tang?" Êle estava com vontade de chorar, mas já era muito crescido para chorar na frente da mãe. "Eu não volto mais para aquela escola!" gritou e correu para seu quarto.

Sua mãe bateu na porta. "Yu Tang, o que houve? O que aconteceu?"

"Ó, mãe, foi horrível, todos riram de mim, mesmo a professôra." E Yu Tang contou-lhe o acontecido.

"Estou certa de que foi sòmente um malentendido, Yu Tang," disse sua mãe, tentando confortá-lo. "Amanhã eu irei com você e falarei com a professôra. Tudo ficará esclarecido."

Mais tarde, naquele mesmo dia, bateram à porta. Quando Yu Tang atendeu, deparou com a Srta. Wilson e Tommy Hatcher.

"Podemos entrar, Yu Tang?" indagou a Srta. Wilson.

Yu Tang sabia que devia tratá-los com cortesia.

"Entrem, por favor, vou chamar minha mãe." Em seguida apresentou-lhe a professôra e Tommy Hatcher.

"Yu Tang, Tommy e eu sentimos que lhe devemos pedir desculpas. Eu não estava zangada com você por ter usado o ábaco; é que fiquei tão surpresa que falei sem refletir."

"Eu também sinto muito" disse Tommy. "Eu pensei que seria engraçado ver você fazendo seus cálculos com êle." Tommy encarou-o diretamente. "Mas não foi, e eu não pretendia fazê-lo sentir-se mal, Yu Tang. Espero que possamos ser amigos."

Yu Tang baixou a cabeça. "Eu sinto muito, também. Minha mãe disse que fôra apenas um malentendido e ela tinha razão. Eu gostaria muito de ser seu amigo, Tommy."

"Bem, Yu Tang, agora queria pedir-lhe um favor."

"Sim?"

"A maior parte dos seus colegas de classe nunca viram um ábaco. Êles riram porque ficaram surpresos com a rapidez com que você o maneja. Você gostaria de levá-lo à escola amanhã e mostrar-nos como funciona?"

"Com todo o prazer," respondeu Yu Tang, sorrindo. Tio Chu Li tinha razão! Meu ábaco me auxiliará a fazer amigos, refletiu Yu Tang, e sorriu novamente.

a AMM

viver
im-
é o
pela
im-
rtivo
em

rea-
soft-
s da

ntes
s —
bros
em
M.,
re-

stra-
iona
pro-
rem
uali-
Cada
s do
era-
con-

O ensino que modifica o conhecimento depende quase que exclusivamente do emprêgo de palavras para que o aluno consiga o entendimento desejado pelo professor. O ensino destinado a alterar a conduta utiliza as palavras não tanto para transmitir conhecimento, mas sim para induzir à ação, para ajudar os membros da classe a fazer o que devem. A prática constitui a única maneira eficiente de aprendizado.

O ensino destinado a modificar a vida levará o mestre a indagar sèriamente: "O que fará a pessoa que realmente entendeu o conceito que tento ensinar?" Isto é, como agirá um santo dos últimos dias depois de "entender" o que significa oração, arrependimento, casamento no templo, poder do Sacerdócio ou qualquer outro princípio do Evangelho? O que fará de diferente das outras pessoas que não possuem

Esta ênfase quanto à conduta dos alunos pode tornar-se bastante compensadora. Poderá reduzir a tendência que têm os professôres de considerar que seus alunos aprenderam um conceito quando sabem discorrer sôbre o mesmo. A capacidade de falar acêrca da oração ou da obediência não garante, necessàriamente, que a pessoa seja devota ou obediente. As palavras são apenas símbolos que representam uma realidade; no ensino da Igreja, não serão nunca a própria realidade.

Nossa religião não é sòmente uma idéia. É um caminho.

No próximo mês apresentaremos algumas recomendações específicas sôbre como estabelecer as metas das lições para que ajudem os alunos a **viverem** o Evan-

Acompanham

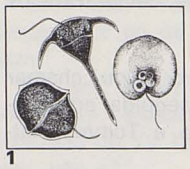




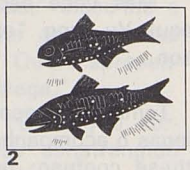
Jé

ESCOLA DOMINICAL

"Porque eis que esta é a Minha obr
porcionar a imortalidade e a vida e

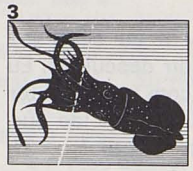


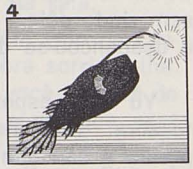
1



2

3





4

Surpresas do Mar

Jean André Porter

Imagine-se atravessando o oceano num grande transatlântico. É tarde da noite, e tanto o mar como o céu estão imersos nas trevas.

Repentinamente, um lençol cintilante se espraia pela superfície da água. Ou então, a face do oceano cintila em faiscas de um azul brilhante como se estrêlas tivessem caído do firmamento. Por um pouco parece que o navio se lança numa massa de bolas luminosas.

Por todos os lados você pode ver linhas, manchas, nuvens e girândolas de luz branca, azul e verde. Estas luzes surpreendentes que redemoinham no oceano são tão brilhantes que permitem que se leia.

Tal surprêsa marinha não é um conto de fada, mas sim uma realidade. Daremos aqui uma explicação dêsse milagre. Milhares e milhares de sêres marinhos são capazes de produzir luz em seu organismo. Quando certas substâncias de seus corpos se combinam com o oxigênio contido na água do mar, resulta luz. Os vagalumes produzem luz de maneira semelhante. Curiosamente, em ambos os casos, a luminosidade produzida é completamente fria!

Os menores produtores de luz das profundezas do mar são os dinoflagelados. São tão minúsculos que só podem ser vistos com auxílio dum microscópio, a não ser que se juntem aos milhões e se iluminem. Então aparecem como uma nuvem luminosa. Todos os dinoflagelados possuem uma espécie de cauda que lhes permite nadar. Algumas das muitas formas de dinoflagelados existentes aparecem na fig. 1.

Alguns tipos de dinoflagelados usam uma espécie de armadura — uma concha linda e extravagante. Outros têm o corpo completamente desprotegido.

Existe um outro aspecto dos dinoflagelados tão estranho quanto sua capacidade de produzir luz. Os cientistas não conseguem decidir se são plantas ou animais. Podemos considerá-los como curiosidades intermediárias. Conseguem sintetizar alimento a partir de luz e água, como as plantas. Mas também ingerem outros vegetais marinhos à moda de animais.

Mais no fundo, o peixe lanterna dispara aqui e ali. (Fig. n.º 2)

Será que essas pequenas beldades (cêrca de 8 cm. de comprimento) estão celebrando alguma data festiva? Você poderia pensar que sim, em face do espetáculo pirotécnico que promovem. O peixe lanterna pode iluminar seu próprio caminho por meio duma fileira de pontos luminosos colocados ao longo do corpo. Tais órgãos maravilhosos lembram de certa forma uma lanterna com refletor. É razoável deduzirmos que tal peixe ligue seus "faróis" para encontrar e reconhecer seu companheiro para acasalamento. Talvez, como supõem alguns cientistas, êles os utilizem também para atrair outras criaturas marinhas que usam como alimento. Com tôdas as lanternas acesas, êsse peixe é uma coisa digna de ser vista. Contudo muitos dêles também são lindos sem as luzes ligadas. Seus corpos brilhantes apresentam o mais lindo colorido — cobre, prata, azul forte, e mesmo côr-de-rosa e verde.

No entanto, a lula não pode ser considerada como criatura bonita. (Fig. n.º 3)

Com seus dez longos tentáculos sempre se contorcendo, a lula deve ser uma visão aterradora para os demais sêres marinhos. Muitas espécies que vivem nas camadas marinhas mais profundas alcançam proporções enormes. A maior lula já encontrada media uns 18 metros.

Quase sempre a lula depende da velocidade com que se locomove para defender-se dos perigos que a cercam. Se isto não surtir efeito ela recorre a outro estratagema — lança uma cortina protetora de "tinta". Algumas espécies produzem um fluído de luminosidade tão intensa que o inimigo fica ofuscado, alarmado e confuso.

Outras lulas mais vagarosas têm que depender de órgãos luminosos para se manterem na selva do mundo submarino. Em vez de se movimentarem a êsmo à procura de alimento, encontram um local adequado e seguro onde se aninham e ficam à espera, com as "luzes" ligadas. Logo uma porção de minúsculas criaturas marinhas ficam curiosas com a luminosidade e se acercam para ver o que está acontecendo. E a lula preguiçosa conseguiu sua refeição!

O que é isto? Será uma vara de pescar presa ao corpo dêsse peixinho rechonchudo? (Fig. n.º 4)

É sim. E além de possuir uma vara de pescar, esta ainda tem na ponta uma isca artificial luminosa. Não admira que tenha a alcunha de "diabo dos abismos" ou "pescador" pois êle realmente a usa para pegar outros peixes. O ponto luminoso que brilha e se movimenta é uma tentação para os demais peixes. Julgam-no uma partícula apetitosa de alimento.

Certas variedades dêstes peixes são tão vorazes, que engolem peixes maiores do que êles próprios. Certo tipo é conhecido por agarrar patos e mergulhões na superfície do mar.

Em todos os oceanos do mundo, tais sêres luminosos das profundezas e muitos outros — como certos camarões, medusas e vermes — transformam a vida marinha numa visão engraçada, fascinante e luminosa.

O ensino que modifica o conhecimento depende quase que exclusivamente do emprêgo de palavras para que o aluno consiga o entendimento desejado pelo professor. O ensino destinado a alterar a conduta utiliza as palavras não tanto para transmitir conhecimento, mas sim para induzir à ação, para ajudar os membros da classe a fazer o que devem. A prática constitui a única maneira eficiente de aprendizado.

O ensino destinado a modificar a vida levará o mestre a indagar sèriamente: "O que fará a pessoa que realmente entendeu o conceito que tento ensinar?" Isto é, como agirá um santo dos últimos dias depois de "entender" o que significa oração, arrependimento, casamento no templo, poder do Sacerdócio ou qualquer outro princípio do Evangelho? O que fará de diferente das outras pessoas que não possuem

Esta ênfase quanto à conduta dos alunos pode tornar-se bastante compensadora. Poderá reduzir a tendência que têm os professôres de considerar que seus alunos aprenderam um conceito quando sabem discorrer sôbre o mesmo. A capacidade de falar acêrca da oração ou da obediência não garante, necessàriamente, que a pessoa seja devota ou obediente. As palavras são apenas símbolos que representam uma realidade; no ensino da Igreja, não serão nunca a própria realidade.

Nossa religião não é sòmente uma idéia. É um caminho.

No próximo mês apresentaremos algumas recomendações específicas sôbre como estabelecer as metas das lições para que ajudem os alunos a **viverem** o Evan-

Acompanham



Já

ESCOLA DOMINICAL

"Porque eis que esta é a Minha obr
porcionar a imortalidade e a vida e



CAPÍTULO 4

Outro Assalto

Murray T. Pringle

Os três detetives Danilo, Plínio e Paula descobriram que o Sr. Marcelo Albanês, cuja coleção de borboletas foi roubada do museu, foi um escroque. Descobriram também que a fortuna dêle, calculada em trezentos mil cruzeiros novos, nunca fôra encontrada. Pelos recortes de jornal souberam que Albanês falecera devido a uma queda da escadaria e que esta não foi acidental. O nome Morpho, mencionado por Albanês antes de morrer, poderia ser o do seu sócio oculto e também o do ladrão das borboletas.

A fim de conseguirem entrar na casa de Albanês, os três conseguiram permissão de lavar as vidraças e espanar os móveis. O sr. Bento, vizinho de Albanês, abre-lhes a casa e acompanha-os de sala em sala. Êles o interrogam sôbre o sr. Morpho, mas êle alega nada saber.

No escritório existe um quadro representando uma linda borboleta azul, e que fôra pintado pelo sr. Albanês.

Nos próximos dias as coisas se mantiveram calmas. Nada mais se ouviu sôbre o ladrão de borboletas e a polícia não comunicou nenhuma prisão. Isto significava, provàvelmente, que não haviam descoberto nada mais.

De certa forma, Danilo estava satisfeito pois assim pudera se concentrar no seu trabalho no museu. Êle trabalhou com afinco e conseguira preparar diversas centenas de borboletas para a montagem.

"Danilo, você quer vir comigo e ajudar-me a transportar umas caixas?", pediu-lhe o curador.

"Certamente," respondeu Danilo, apanhando seu paletó pendurado no encosto da cadeira.

O sr. Carvalho parou ao lado duma mesinha no fim do saguão para apanhar o jornal da tarde que o jornaleiro entrega diàriamente. Ao ler as manchetes, ficou pálido. "Essa não!" exclamou ofegante. "Outra vez!"

Danilo olhou o jornal. A primeira página anunciava em letras garrafais: "O Ladrão de Borboletas Volta a Agir em Castelões."

"Deve ser o mesmo larápio que carregou as nossas!" exclamou Danilo.

O sr. Carvalho concordou muda-



mente. "Leia, meu rapaz. Eu estou sem óculos."

Danilo leu a notícia em voz alta. Relatava sucintamente que naquela manhã, pouco depois de abrir, o Museu de Castelões fôra assaltado por um homem mascarado que entrara no escritório de arma em punho, ameaçando os funcionários.

Com voz abafada e rabugenta exigiu que lhe entregassem tôdas as borboletas da coleção Albanês em poder do museu. Ficou impaciente quando as senhoras lhe ofereceram suas bolsas e os homens apanharam as carteiras. "Fiquem com seu dinheiro," resmungou. "Eu quero as borboletas do Albanês!"

Quando as recebeu, o ladrão mascarado levou todos os funcionários para o porão, trancou a porta e fugiu com seu estranho saque.

"Isto é tudo, senhor," concluiu Danilo. "Puxa, deve ser um sujeito bastante violento. Eu só me admiro por que não entrou sorrateiramente durante a noite como o fêz aqui."

"As instalações do museu de Castelões são mais modernas do que as nossas," replicou o Sr. Carvalho. "É bem protegido. Não conseguiria entrar no prédio sem disparar o alarme contra ladrões. Temo só em pensar que poderá voltar aqui. E agora ainda ameaça as pessoas com uma arma! O que poderá existir nas borboletas do Sr. Albanês que leve alguém a cometer tal loucura? Que mistério! Que mistério!"

No dia seguinte enquanto todos ainda discutiam excitados o espetacular roubo em pleno dia no Museu de Castelões, surgiram novidades quanto a êsse caso desconcertante. As borboletas roubadas do Museu de Bragança haviam sido encontradas! Imaginem aonde — num latão de lixo no depósito de resíduos da cidade!

O Delegado Martim telefonou ao Sr. Carvalho para comunicar-lhe a novidade. Depois acrescentou: "Mandarei levá-las ao museu assim que nosso departamento técnico as tenha examinado à procura de impressões. Algumas estão bastante estragadas, mas talvez o senhor possa aproveitá-las em parte."

"Folgo em sabê-lo, Delegado," respondeu o Sr. Carvalho. "Quero dizer, que tenham sido achadas. Eu faço votos que lhe proporcionem os meios de descobrir o criminoso."

"Espero que sim, mas francamente, tenho minhas dúvidas. Êsse ladrão com que estamos lidando é um sujeito muito esperto."

Danilo não estava presente quando surgiram as novidades, pois tirara um dia de folga.

Quando Plínio, Paula e Danilo, voltando duma excursão de bicicleta, chegaram perto da cidade, Plínio indagou: "Você vai parar no museu?"

Danilo concordou: "Bem que poderia. Temos que passar mesmo por lá. O Sr. Carvalho pode querer que eu faça alguma coisa para êle."

"É cedo ainda," disse Paula, "você irá trabalhar nas borboletas?"

"Isto me faz lembrar de uma coisa," comentou Plínio. "Nós não íamos ajudar você, Danilo? Você disse que perguntaria ao Sr. Carvalho."

"Esqueci," desculpou-se Danilo, "mas vou perguntar-lhe agora."

Quando chegaram mais perto, Plínio gritou de repente: "Olhem só! Um carro da polícia!"

"Oh, Oh," exclamou Danilo. "Espero que não tenha acontecido nada mais."

a AMM

viver
im-
é o
pela
im-
rtivo
em

rea-
soft-
s da

ntes
s —
bros
em
M.,
re-

stra-
iona
pro-
rem
uali-
cada
s do
era-
con-

O ensino que modifica o conhecimento depende quase que exclusivamente do emprêgo de palavras para que o aluno consiga o entendimento desejado pelo professor. O ensino destinado a alterar a conduta utiliza as palavras não tanto para transmitir conhecimento, mas sim para induzir à ação, para ajudar os membros da classe a fazer o que devem. A prática constitui a única maneira eficiente de aprendizado.

O ensino destinado a modificar a vida levará o mestre a indagar sèriamente: "O que fará a pessoa que realmente entendeu o conceito que tento ensinar?" Isto é, como agirá um santo dos últimos dias depois de "entender" o que significa oração, arrependimento, casamento no templo, poder do Sacerdócio ou qualquer outro princípio do Evangelho? O que fará de diferente das outras pessoas que não possuem

Esta ênfase quanto à conduta dos alunos pode tornar-se bastante compensadora. Poderá reduzir a tendência que têm os professôres de considerar que seus alunos aprenderam um conceito quando sabem discorrer sôbre o mesmo. A capacidade de falar acêrca da oração ou da obediência não garante, necessàriamente, que a pessoa seja devota ou obediente. As palavras são apenas símbolos que representam uma realidade; no ensino da Igreja, não serão nunca a própria realidade.

Nossa religião não é sòmente uma idéia. É um caminho.

No próximo mês apresentaremos algumas recomendações específicas sôbre como estabelecer as metas das lições para que ajudem os alunos a **viverem** o Evan-

Acompanham



Jó

ESCOLA DOMINICAL

"Porque eis que esta é a Minha obr
porcionar a imortalidade e a vida e

"Talvez haja novidades," aventou Paula." Quem sabe pegaram o ladrão de borboletas e o trouxeram de volta à cena do crime."

Quando o trio de detetives mirins parou na entrada do museu, foram cumprimentados pelo Chefe de Polícia e o Sr. Carvalho. Danilo perguntou-lhes o que acontecera e soube do achado das borboletas roubadas.

Danilo não soube o que dizer; nem siquer conseguia pensar. O caso não era apenas um mistério; era um mistério misterioso!

O Sr. Carvalho, o Delegado Martim e os garotos ficaram observando um policial retirar um velho latão de lixo do porta bagagem do carro patrulha. O Sr. Carvalho resmungou desalentado: "É uma pena! Por que alguém iria se dar ao trabalho de roubar as borboletas só para jogá-las fora? Isto simplesmente não faz sentido!"

"É mais maluco do que pensa," comentou o chefe de polícia. "Eu fiz a polícia técnica examiná-las a procura de pistas..."

"Êles acharam alguma coisa?" Danilo indagou curioso.

O Delegado Martim abanou a cabeça. "Não. Mas encontramos isto aqui." Tirou um envelope do bolso e despejou o conteúdo na palma da mão que estendeu para que examinassem. Fôra um dia uma sedosa borboleta branca mas agora estava irreconhecível.

"Ora essa," exclamou o Sr. Carvalho, "parece que foi queimada!"

"Tem razão," volveu o chefe de polícia. "Foi isso mesmo. Na verdade, cada uma das borboletas brancas, amarelas e de colorido claro dêste latão têm as asas chamuscadas. Algumas estão reduzidas a frangalhos como esta. Contudo as mais escuras não foram tocadas. O que vocês deduzem disto?"

O Dr. Carvalho abanou a cabeça estarrecido. "Não consigo entender mais nada," observou. Voltando-se para Danilo, prosseguiu: "Leve êste latão lá para dentro e tente salvar o que fôr possível." Abanou a cabeça novamente. "É uma vergonha, isto sim!"

Na sua sala Danilo colocou o latão ao lado da bancada de trabalho. Remexeu delicadamente o conteúdo até encontrar uma borboleta cujas sedosas asas brancas apresentavam manchas ferruginosas de queimado.

Por que alguém havia de querer queimar borboletas? Por que sòmente as claras estavam chamuscadas e as escuras continuavam intactas? E por que motivo o ladrão tivera o trabalho de jogá-las na lata de lixo, quando teria sido muito mais fácil lançar o lote inteiro no fogão?

Danilo ficou sentado olhando intensamente para o inseto inutilizado. Sua mente girava sem cessar em tôrno das inúmeras perguntas para as quais não encontrava solução. Sabia como o pobre chefe de polícia deveria estar-se sentindo. Ainda bem que as borboletas foram encontradas e algumas delas poderiam provàvelmente ser aproveitadas. Será que as borboletas roubadas pelo ladrão mascarado em Castelões apareceriam no mesmo lugar? Também estariam chamuscadas? E por que?

Danilo resmungou sòzinho. As borboletas tinham sido recuperadas, mas ao invés de resolver o caso o tornavam mais misterioso ainda!

(Continua)



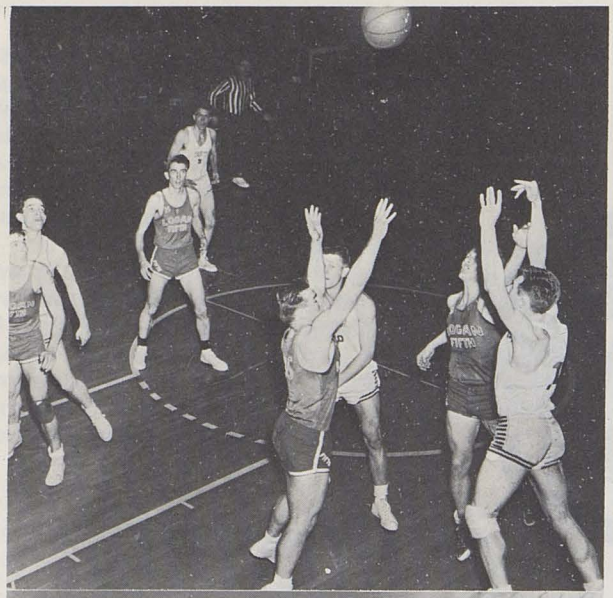
O Programa de Atletismo da AMM

A Igreja prega que tôdas as pessoas devem viver uma vida bem equilibrada. Certamente um importante fator no alcance dêsse equilíbrio é o descanso e desenvolvimento físico proporcionado pela participação no atletismo e desportos. De grande importância também é a ênfase dada ao espírito esportivo nas competições, sejam de caráter individual ou em grupo.

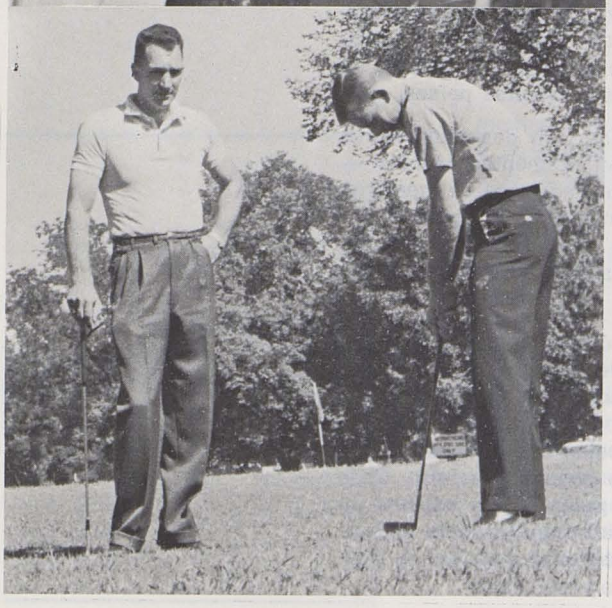
As competições para rapazes de tôda a Igreja realizadas anualmente em Salt Lake City, incluem "softball", basebol, basquete, volibol e golf. Os torneios da Igreja têm reunido participantes de muitos países.

A fim de ajudar a preencher um dos importantes objetivos da Associação de Melhoramentos Mútuos — proporcionar recreação espiritualizada para os membros da Igreja — organizam-se competições esportivas em todo o mundo. Sempre que se organiza uma A. M. M., as competições dos desportos predominantes na região devem ser estabelecidas.

Pesquisas realizadas nos últimos anos demonstraram que o programa esportivo da Igreja proporciona anualmente uns 1.000 novos conversos e reativa aproximadamente 2.000 membros. As conversões ocorrem devido à impressão causada pelas ações e espiritualidade dos jovens da Igreja nas pessoas de fora. Cada time e indivíduo é governado pelas regras estritas do espírito esportivo, e dos treinadores e oficiais espera-se que mantenham os mais elevados padrões de conduta e procedimento.







Na última temporada cêrca de 2.000 times, congregando aproximadamente 20.000 pessoas, participaram do programa de basquete.

A seguir transcrevemos um trecho duma carta escrita por um presidente de estaca, sôbre o torneio geral de basquete da Igreja:

> Vocês teriam participado duma grande experiência espiritual, se estivessem estado conosco no vestiário, na noite de sexta-feira p. p., após perdermos a partida final do campeonato. Os rapazes estavam desapontados, é lógico, mas sem amarguras nem auto-condenação. Sentiam-se gratos pela maravilhosa experiência que lhes proporcionou o companheirismo e pela oportunidade de poderem representar sua ala e estaca no torneio. O treinador observou: "Rapazes, fomos derrotados por um grande time. Vocês jogaram bem. Devemos ser gratos pelos belos dias que tivemos, pelos laços de amizade que formamos, pelo privilégio de jogarmos juntos participando dêste torneio." Iniciamos tôdas as partidas com uma oração a fim de que pudéssemos dar o melhor de nós e sermos bons desportistas, e o Senhor nos abençoou."

Para que o programa esportivo da A. M. M., em qualquer região, funcione devidamente, a única coisa necessária é um líder interessado e entusiasta. A Junta Geral da A. M. M. — Rapazes conta com um comitê que está pronto a ajudar tôdas as unidades da Igreja a estabelecerem organizações encarregadas das atividades desportivas e regulamentos de torneios em qualquer parte do mundo. Êsse comitê já estabeleceu os regulamentos, padrões e procedimentos fundamentais para o início ou continuação do programa. Mediante requisição, fornecerá o esbôço às autoridades de qualquer estaca ou missão da Igreja. É um programa extraordinário, pois proporciona a todos a oportunidade de conhecer e sentir as emoções duma competição. O rapaz não precisa ser o maior, o mais alto nem o melhor e nem mesmo membro da Igreja.

Uma pessoa muito conhecida nos círculos desportivos dos Estados Unidos, disse acêrca dos jogos da Igreja: "Em nenhuma outra liga com que trabalhamos encontramos jogadores tão cavalheirescos."

Os rapazes que parecem ter pouco interêsse por assuntos religiosos podem ser mantidos sob a influência da Igreja através de suas atividades atléticas. Proporcionando-lhes o que desejam, poderão ser levados a reconhecer o que necessitam para uma vida realmente feliz.

Êsse programa pode ser um auxiliar valioso para manter os jovens ativos na Igreja, ajudando-os a fortificarem seus testemunhos e seu desejo de viverem dignamente.

Fidelidade à Verdade

Stephen R. Covey
Ex-Presidente da Missão Irlandesa

Enquanto estive trabalhando na obra missionária na Irlanda, defrontei-me seguidamente com a poderosa lição sôbre o testemunho: **Conseguimos conhecer a verdade na medida em que somos fiéis a ela.**

Adquirir o conhecimento da divindade de Jesus é diferente da aquisição de outros conhecimentos. Não é tanto uma questão de obter informações, de lógica e raciocínio, de provas bíblicas ou evidências históricas. Os argumentos intelectuais são um substituto precário para o viver reto de que necessitamos, a fim de obtermos realmente o tipo de conhecimento que buscamos. Pois a espécie de aprendizado requerida neste caso é completamente diferente.

Repito, o princípio dêsse aprendizado é: **Não conseguiremos conhecer o Senhor, simplesmente procurando encontrar a verdade, mas sim, procurando viver de acôrdo com ela.** Sòmente plasmando-a em nossas vidas, conseguiremos achar a verdade.

Nosso Pai prometeu conceder o testemunho da divindade do seu Filho, por intermédio do Espírito Santo, a todo aquêle que se qualificar. Portanto, a **responsabilidade** cabe a nós. Não é o Senhor quem decide quando deve comunicar-se conosco. Nós é que devemos mudar e prepararmo-nos para receber a comunicação que êle prometeu.

Uma vez que entendamos claramente que "os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor" (Isaías 55:8); que "as coisas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus." (1 Cor. 2:11); que "se alguém quiser fazer a vontade dêle conhecerá a respeito da doutrina" (João 7:17); então começamos a buscar dentro de nós a chave dêsse conhecimento. Então perguntamos: "A quanto chega minha sinceridade? Estou realmente querendo saber? Estarei disposto a pagar o prêço e a fazer todo o necessário quanto a estudo, oração, arrependimento e serviços, para me qualificar?"

Muitos chegam a descobrir que não é de Cristo nem dos profetas que dêle testificam, que duvidam. Sua sincera introspecção mostra-lhes que não podem **realmente** culpar o Senhor por não terem recebido um testemunho. Do que realmente duvidam é da sua própria capacidade de se tornarem dignos dêle. Sentem que os obstáculos ou fraquezas situam-se **dentro** dêles.

Um investigador escreveu: "Eu duvidava se realmente poderia ou mesmo desejava deixar de fumar." Outros reconhecem, nesta crise de auto-análise, que o problema está dentro dêles — orgulho intelectual talvez, ou sensualidade, desejos materialistas, hipocrisia. Reconhecem que falharam em obter um testemunho da divindade de Cristo, "porque seus corações estão muito

apegados às **coisas dêste mundo,** e **aspiram tanto às honras dos homens,** que não aprendem esta única lição... que os poderes do céu não podem ser controlados nem manipulados a não ser pelo princípio da retidão." (D&C 121:35, 36)

TRANSFORMAÇÃO PESSOAL

Muitas pessoas não apreciam êste princípio porque freqüentemente implica em admitirmos algumas coisas angustiosas sôbre nós mesmos e requer muito esfôrço para conseguirmos modificar nossa pessôa. Não há meio de evitar essas admissões e êsse esfôrço. Não é apenas uma questão de adquirir conhecimento e permanecer o mesmo de sempre. A **própria pessôa tem que transformar-se** para que possa receber o testemunho da divindade de Cristo.

Êste princípio destruiu a esperança orgulhosa dos judeus dos tempos de Cristo; daquêles que ansiavam por um Messias com poderes políticos, que tomasse a si a responsabilidade de modificar o mundo para que êles pudessem continuar sendo como eram. Julgavam que a vida eterna podia ser encontrada estudando as escrituras; mas Cristo pregava esta doutrina "dura" e inelutável — que mesmo as escrituras acentuam, além de meras palavras, a necessidade de achegarmo-nos pessoalmente a êle, de vivermos à sua maneira. As escrituras, disse Jesus, "testificam de mim. Contudo não quereis vir a mim para terdes a vida." (João 5:39-40)

NOSSA CONSCIÊNCIA

Encontraremos a Cristo sòmente mediante respeito às condições que êle estipulou. O Senhor delineou essas condições pessoalmente quando aqui na terra, e posteriormente, por intermédio dos seus profetas. Parte dessas instruções estipulam que apenas o estudo das escrituras não basta; temos que manter um contrato vívido com o Espírito de Cristo. O agente dêsse contato é a nossa própria consciência.

Como poderá uma pessôa consultar sua consciência? Agora mesmo você poderá indagar honestamente a si mesmo: "O que devo fazer para acercar-me mais do Salvador?" Então escute. Medite. Faça uma autoanálise. E torne a escutar. Você ouvirá uma voz que lhe fala; a calma e baixa voz da consciência. Você não conseguirá ouvi-la pela audição. Você a sentirá dentro de si — bem no seu âmago — no seu coração e na sua mente. Ela lhe dirá o que fazer para chegar mais perto do Senhor. Você dar-se-á conta dos atos que exigem arrependimento, alguém que deverá tratar com mais bondade, alguém a quem deverá pedir perdão, algum hábito que você terá que superar, alguma virtude que terá que ser desenvolvida. O que você ouvir ou sentir na sua própria consciência será sua fórmula pessoal para **obter um testemunho vital e exato de Jesus Cristo.**

NÓS NÃO ESCUTAMOS

O Senhor pode estar tentando comunicar-se conosco enquanto endurecemos nossos corações, como Nefi nos conta de Lamã e Lemuel!"... haveis até ouvido sua voz de quando em quando... porém havíeis perdido a sensibilidade, de modo que não pudestes ouvir suas palavras." (1 Nefi 17:45)

Então passamos a "participar maquinalmente" do culto e dos serviços religiosos. Nossas orações se tornam mecânicas e ritualistas, oferecidas por obrigação e não por devoção. "Êles se chegam a mim com seus lábios mas seus corações continuam afastados." Não é de admirar que muitos de nós perdem a fé nas orações: não obtemos uma resposta, não existe uma via bidirecional com o Senhor. Nós não ouvimos.

Deveríamos tentar "ouvir" em nossas orações. Quando pedirmos uma bênção especial, devemos escutar quietamente com nossos corações a fim de compreendermos a lei em que essa bênção se baseia. (Vide D&C 130:20, 21). E quando percebermos em nossos corações a resposta, então consideremos e examinemos honestamente a nós próprios para sabermos se estamos dispostos a obedecê-la. No caso afirmativo, devemos responder e prometer ao Senhor que iremos cumpri-la. Se não, deixemos de rogar pela bênção. Se não estivermos dispostos a comprometermo-nos sinceramente para merecer um testemunho vívido de Cristo, não poderemos esperar recebê-lo.

Não vos enganeis; de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isto também ceifará. (Gálatas 6:7)

UMA COISA VIVA

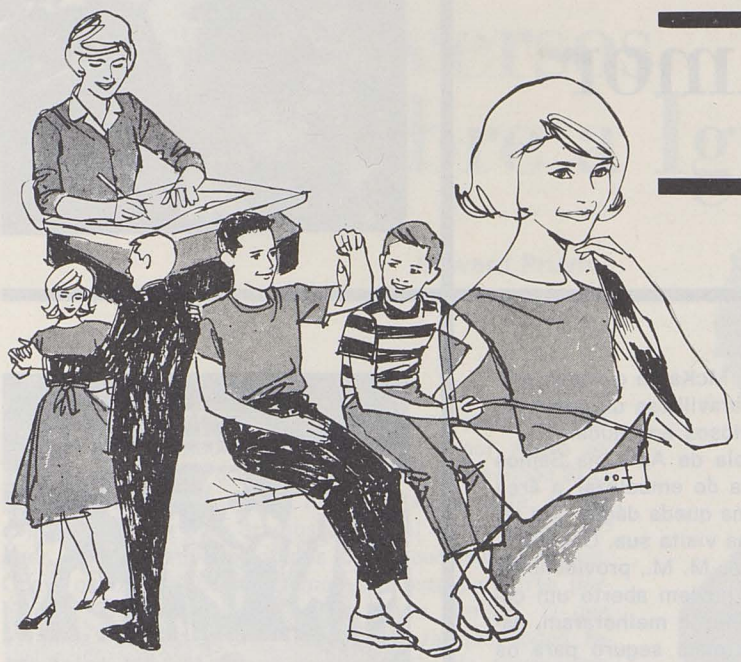
Poucas coisas conseguirão inspirar mais uma avaliação de si mesmo e a humildade do que a oração sincera, atenta, bidirecional. Ela nos leva a um contato vivo com a luz e o Espírito de Cristo. Nessa atitude de perfeita honestidade, humildade, procura e dedicação, poderemos literalmente contar com o Espírito Santo como nosso guia e companheiro; e êle nos concederá um testemunho quanto à divindade de Jesus Cristo.

Por mais inteligentes e instruidos que sejamos, se não tivermos uma experiência real e pessoal com o Espírito de Deus, não saberemos mais sôbre Cristo, do que o cego de nascença conhece sôbre a luz e a visão, por mais versado que possa ser quanto à anatomia da vista ou as propriedades da luz.

O testemunho pessoal é, pois, uma coisa **viva.** Não pode ser emprestado pelo próximo nem pelas lembranças duma espiritualidade passada.

Parece-se mais com a fonte de "água viva" (João 4:10) alimentada por experiências **atuais** e **reais** obtidas por meio da oração sincera, estudo, arrependimento, convênio, obediência e serviços — e tudo alcançado pelos poderes do princípio de que é feito com "boas intenções". (Moroni 10:4-5)

Conhecer a Cristo é lutar constantemente por assemelhar-se a êle, para co-participar da natureza divina. (vide 2 Pedro 1:3-8 Tal estado de conhecimento e vida nos qualifica para a vida eterna. (vide João 17:3)



Juventude da Promessa

Samaritano

Suzanne Eyestone

Aconteceu num daqueles dias de fim de outono em que a temperatura cai sùbitamente. Era um domingo de manhã e eu saíra cedo para ir à Igreja, guiando cautelosamente, tentando evitar as placas de gêlo na estrada. O carro esquentou e eu cantava alegremente acompanhando o ritmo do motor, que pulsava e roncava de maneira estranha. Meu hálito congelava-se no parabrisa em delicados desenhos.

Sòmente quando tive que parar num sinal vermelho é que percebi as nuvens de vapor que escapavam da dianteira do carro.

"O, não," pensei, "estraguei o carro."

Encostei no meio-fio, desliguei a chave e desci. Levantei o capô e fiquei olhando o motor. A única coisa que eu sabia fazer era remover a tampa do radiador, pois vira meu pai fazê-lo diversas vezes.

A tampa estava quente e queimou meus dedos ao girá-la e arrancá-la o mais ràpidamente possível. Vapor e água fervente jorravam quase atingindo meu pulso e formaram mais nuvens brancas no ar frio.

Que desastre! Fiquei mais ansiosa ainda e as lágrimas transbordaram dos meus olhos, descendo em filetes pelas faces.

Os outros carros diminuiam a marcha e os ocupantes olhavam espantados. Os pedestres também voltavam-se ao passar com as mãos enfiadas nos bolsos.

"Oh, não!" Soluçando sempre as mesmas palavras, entrei no carro e enterrei a cabeça nas mãos. A Igreja teria que esperar; não iria mais a parte alguma.

Alguns minutos mais tarde alguém bateu no vidro da janela.

"Precisa de ajuda?"

"Por favor!" Concordei aliviada e grata.

Um adolescente espiava pela vidraça. Seus cabelos longos e louros pendiam compridos quase escondendo seus olhos. Tremeu um pouco abotoando com dedos finos seu agasalho escolar, de um vermelho vivo. Calças de brim azul e botas trabalhadas, de vaqueiro, completavam seu traje.

"Não sei o que aconteceu," expliquei-lhe, descendo do carro. "De repente o motor começou a ferver."

Curvou-se, olhou debaixo do capô e examinou o radiador.

"P'ra onde você ía?" perguntou ao limpar as mãos na calça e reparando nos meus olhos vermelhos e faces manchadas de lágrimas.

"À Igreja," retruquei. "Devia estar cantando no côro."

Ao ouvir a palavra "igreja" ergueu levemente a sobrancelha e sorriu.

"Bem, parece-me que o que aconteceu foi que o radiador congelou." Estava olhando novamente por baixo do capô.

"A água não conseguiu circular e por isso ferveu e transbordou." Remexeu mais um pouco por ali e depois endireitou-se.

"Penso que basta colocar um cobertor em volta do radiador durante alguns minutos, um pouco mais de água e tudo estará em ordem."

Pegou um cobertor no seu carro moderno, de côr viva, e cobriu cuidadosamente a grade do radiador e o capô.

"Existe um posto de gasolina há uns poucos quarteirões daqui. Vou buscar um pouco de água. Levará apenas uns minutos."

Acelerou o motor do seu carro, contornando a esquina com os pneus chiando.

Pouco depois estava de volta com uma lata de água que despejou no radiador. Esperou até que eu desse a partida e acompanhou-me até à Igreja. Então foi-se com uma buzinada e um abanar de mão.

"Eh, espere!" gritei ao ocorrer-me o pensamento. "Eu nem cheguei a agradecer —" Mas como agradecer a um bom samaritano?

Obra de Amor



Quando se ama e admira o Profeta David O. McKay e o nosso professor, Edwin L. Kamauoha, tem-se uma idéia maravilhosa de como demonstrá-lo, naturalmente todos se mostram ansiosos em ajudar."

Assim se expressam os 40 alunos da escola de Apia, na Samoa Ocidental, que se uniram ao professor na tarefa de embelezar a área acima da Cachoeira McKay. Ali fôra formada uma queda dágua que recebera o nome do Presidente da Igreja. Após uma visita sua, George R. Hill Jr., assistente do superintendente geral da A. M. M., providenciou uma placa de bronze para o local. Os rapazes haviam aberto um caminho até o pequeno lago na área recreativa. Êles o melhoraram, estendendo-o até a Cachoeira McKay, tornando-o mais seguro para os visitantes que em grande número procuram aquela área. As meninas plantaram taro e juntaram pedras, que depois de trituradas foram usadas na construção dum caminho sêco e seguro naquêle recanto verdejante, belo e sagrado.









Dois Conversos Falam Sôbre a Igreja

Edward Pruyn

Nós nem sabíamos que estávamos à procura duma Igreja. Encontrâmo-la quase que por acaso ao assistirmos o filme apresentado no pavilhão SUD da Feira Mundial de Nova Iorque. Bàsicamente, minha espôsa Roseann e eu éramos um casal como outro qualquer, apenas, talvez, dotados duma curiosidade maior. Como os outros, procurávamos resposta para três perguntas: De onde viemos? Para onde vamos? O que estamos fazendo aqui? Temos certeza que todos fazem perguntas idênticas, ainda que não da mesma forma. Em muitos casos, como no nosso, não são enunciadas especìficamente, mas interiormente as fizemos frequentemente.

O filme apresentado na Feira Mundial focalizou nossa atenção nessas questões. Meia hora depois de sairmos do pavilhão indagamos um ao outro se conseguiríamos crer na mensagem que o filme nos trouxera. Decidimos não sòmente que seria possível, pois seria uma crença maravilhosa, mas também que deveríamos aceitá-la. Assináramos a lista de visitantes no pavilhão e durante as visitas subseqüentes dos élderes, soubemos mais sôbre a mensagem que a Igreja leva ao mundo. Finalmente, fomos batizados a 19 de setembro de 1964.

De que forma os nossos vizinhos nos aceitam como santos dos últimos dias? Residimos numa área cosmopolita e raramente discutimos assuntos religiosos. Mas não fazemos segrêdo da nossa filiação religiosa e nossos vizinhos admiram-se de que nos tenhamos afiliado voluntàriamente a uma Igreja que advoga tão firmemente a abstenção de café, chá, fumo e álcool. No nosso meio estas quatro substâncias são muito consumidas e quase que se tornaram obrigatórias nas reuniões sociais, mas os nossos vizinhos nos aceitam, a nós e à nossa crença, e não modificaram sua atitude amigável e interêsse prestativo.

Sentimos orgulho da nossa filiação religiosa e orgulhamo-nos também da herança que a condição de membro da Igreja nos proporciona. Temos lido e estudado a história da Igreja e conhecemos algo sôbre o prêço que outros tiveram que pagar pelo Evangelho. Isto é uma herança e um desafio que não pode ser menosprezado.

Logo que o bispado convenceu-se de que tínhamos um testemunho suficientemente forte para arcar com responsabilidades, deu-nos designações. Minha espôsa foi primeiro bibliotecária da Escola Dominical e depois secretária da mesma auxiliar. Eu tenho servido no co-



mitê para o escotismo, na superintendência da Escola Dominical e como secretário do quórum de élderes.

Desde que ingressámos na Igreja, correram muitas mudanças notáveis em nossa vida — algumas, talvez a maioria, notáveis sòmente para nós. Uma das mais importantes foi que encontramos a paz e satisfação que nunca dantes conhecêramos. A princípio, usávamos com relutância as palavras irmão e irmã ao nos dirigirmos aos demais membros da congregação. Mais tarde, quando fomos ao templo para sermos selados para o tempo e para a eternidade, descobrimos o sentido real dêsses têrmos. As pessoas que trabalham no templo, naquele dia deixaram de lado tôdas suas ocupações pessoais, no afã de auxiliar dois estranhos.

Então, dois meses após termos ido ao templo, sofri um grave ataque cardíaco. Os irmãos e irmãs da nossa ala prestaram-nos auxílio de todo o tipo — cortando a grama, pintando a casa, ajudando na limpeza e no preparo das refeições. Isto nos fêz sentir que pertencíamos a uma irmandade que não conhecia limites e se expressava de maneira bastante concreta.

Ainda noutro ponto mudou o nosso modo de pensar: Conhecemos uma pessoa que dispõe de conhecimentos técnicos e habilidades muito procurados. No entanto, é viciado em bebidas alcoólicas e aceita trabalhos muito aquém da sua capacidade, a fim de poder satisfazer êsse seu vício. A princípio sentíamo-nos desgostosos e ressentíamo-nos com sua presença em qualquer reunião em que tomávamos parte. Agora nossa atitude mudou e pensamos: aqui está um homem que necessita de ajuda; de que forma poderemos dá-la? Para nós, foi uma mudança de atitude radical.

Descobrimos também quão eficaz pode ser a oração, e sabemos que será mais eficaz ainda se oramos por terceiros. Estas são apenas algumas das muitas coisas que aprendemos desde que nos filiamos à Igreja — coisas que não podem ser provadas por livros ou em tubos de ensaio, mas que sabemos serem verdadeiras.

O meu ataque cardíaco foi a prova real da nossa fé. Ambos sabíamos o que estava acontecendo quando fui atingido. Nos breves minutos antes da chegada da ambulância, conversamos e concordamos que havíamos sido muito abençoados. Estávamos casados para o tempo e a eternidade e sabíamos que se tivéssemos que nos separar não seria por muito tempo.

No hospital tivemos muitas oportunidades de contar aos demais pacientes porque éramos capazes de nos sentir animados e contentes. Certo dia, um sacerdote católico contou-me que estivera em Salt Lake City e visitara a Praça do Templo. Fêz perguntas sôbre o nosso programa missionário, quem eram os homens que partiam em missão e de que forma eram selecionados. Mostrou-se admirado quando soube que a maior parte dos missionários economizava o dinheiro necessário e que não eram mantidos financeiramente pela Igreja.

É difícil enumerar tudo o que a Igreja tem significado para nós. Invejamos os que sempre foram mórmons, ainda que estejamos satisfeitos em sermos conversos: assim tivemos a oportunidade de ver e experimentar quão pouco o lado oposto tem a oferecer.

O Irmão Edward Pruyn faleceu no ano passado

QUANTO DESEJA PAGAR PELO SEU DINHEIRO

Melvin Brain

O homem acumula valôres monetários de diversas maneiras. São adquiridos a prêço variável. Quem poderá determinar quanto custa o dinheiro, quando os homens se valem das suas melhores amizades para obter posições financeiras? Quando um homem troca a sua saúde por riquezas, que tipo de barganha terá feito? Se um homem sacrificar todos os seus princípios a fim de enriquecer, êle terá pago um prêço demasiado pela mercadoria. A fortuna ganha por meios ilícitos não poderá trazer um proveito duradouro a ninguém.

O dinheiro não deveria estar tão próximo dos nossos olhos que impeça que vejamos que o propósito desta vida é a felicidade.

O progresso do mundo deve-se a homens, tanto grandes como pequenos, que colocaram a verdade acima de tudo. Devemos manter-nos sempre em guarda, a fim de que a busca ao dinheiro não nos prive das nossas bênçãos eternas.

Finalmente, o homem que busca o dinheiro com tal paixão que chega a perder seu relacionamento com seu Deus, está pagando o prêço mais exorbitante por aquilo que com êle perecerá.

Discursos da Primeira Presidência

138.a Conferência Semi-Anual da Igreja

Outubro de 1968

Discurso do Presidente David O. McKay, lido pelo seu filho Robert R. McKay, durante a 138.ª Conferência Semi-Anual da Igreja, realizada no Tabernáculo de Salt Lake às 10 horas da manhã de sexta-feira, 4 de outubro de 1968.

Mais Forte do que um Encouraçado

David O. McKay

Meus queridos irmãos e irmãs. Ao nos reunirmos nesta manhã, meu coração está cheio de gratidão ao Senhor pelas suas bênçãos. Jamais senti maior aprêço pelo grande privilégio de reunir-me com os membros da Igreja em Conferência Geral neste edifício consagrado.

Estendo a todos: visitantes, líderes governamentais e educacionais, oficiais de estacas e alas representando 465 estacas e 84 missões da Igreja em todo o mundo; minhas saudações pessoais e votos de boas vindas a esta 138.ª Conferência Semi-Anual da Igreja. Rogo que o Espírito do Senhor esteja conosco em tôdas as suas sessões.

Com o passar dos anos, tenho experimentado um crescente deslumbramento pela vida em si mesma, e um profundo senso de apreciação pelas oportunidades e bênçãos que proporciona.

Meus pensamentos voltam-se com grato aprêço para as bênçãos que tenho gozado. Sou grato pelo sábio e cuidadoso ensinamento e proteção recebidos de pais nobres. Proteção e ensinamento! duas qualidades da paternidade, sábia e discretamente aplicadas durante os dias extremamente ativos e impressionáveis da juventude: uma proteção que me poupou enveredar por sendas que me haveriam conduzido a um modo de vida inteiramente diferente! A cada ano cresce meu aprêço e amor por minha preciosa mãe, sempre cuidadosa, e por meu nobre pai.

Sou grato pelos nove irmãos e irmãs (dos quais três ainda estão conosco), que constituiram o ambiente do lar, agora uma carinhosa recordação, os quais, como influência na construção do meu caráter, ficaram em segundo lugar apenas em relação à sempre bondosa e discreta orientação paterna.

Sou grato pelo sacrifício feito pelos nossos pais para nos permitirem adentrar o campo da educação. Naquela oportunidade conheci a companheira da minha vida, que tem sempre sido uma inspiração, mãe e sábia guardiã dos nossos sete filhos e coração de meu segundo lar querido.

Sou grato pela oportunidade que a Igreja e meus pais me deram, permitindo-me entrar para o campo missionário, uma experiência que mudou o curso da minha vida.

Sou grato aos meus amigos. Bemaventurado aquêle que tem experimentado a paz e a riqueza de alma que brota de uma amizade fiel e leal. Amo aos meus amigos e companheiros como uma das coisas mais caras da minha vida.

Sou grato, acima de tudo, pelo Evangelho, a verdadeira filosofia de uma vida feliz, que santifica e anima tôdas as demais bênçãos.

Sou grato pelas bênçãos que o Senhor tem derramado sôbre a sua Igreja em todo o mundo, e pela certeza da sua divina orientação e inspiração. Com profunda gratidão, reconheço a sua atenção e bondade.

É fonte de verdadeiro encorajamento contemplar a lealdade e

os vigorosos esforços dos membros que contribuem com seu tempo e meios para a Igreja. Há um atendimento geral por parte dos membros em tôda parte. A fidelidade dos membros no pagamento dos seus dízimos e ofertas, bem como o apoio financeiro dado ao programa de construções da Igreja e à organização de Bem-Estar, é uma fonte de grande alegria para mim.

Amo a vida! Considero uma alegria viver nesta época. Tôda manhã ao contemplar da janela as montanhas a leste, e ao saudar o sol quando anuncia êstes belos dias de outono, ou ao observar as nuvens tempestuosas rolarem nos céus carregadas de vivificante umidade, sinto a alegria e o privilégio da vida e aprecio a bondade de Deus.

Aprecio e compreendo as realizações desta era nuclear, até certo ponto maravilhosa, em que vivemos. As descobertas científicas de hoje atordoam a imaginação. Quase que diàriamente lemos sôbre realizações quase incríveis. Esta era maravilhosa apenas começou, e a juventude de hoje, e muitos de nós, verá emocionantes desenvolvimentos desdobrarem-se aos seus olhos à medida que continuarem as pesquisas. Oramos para que o bem potencial destas descobertas exceda por larga margem o seu potencial de destruição. Sim, é uma era gloriosa essa na qual vivemos, tenho fé no povo ordeiro e industrioso dêste país, bem como dos demais países, e confio em que sòmente o bem resultará dos progressos que estão sendo alcançados.

Entretanto, nenhuma pessoa consciente duvidará de que esta era está carregada de ilimitados perigos, tanto quanto de possibilidades inimaginadas. Ao lermos e nos informarmos sôbre as condições em desenvolvimento entre o povo, somos obrigados a admitir que existem causas reais para apreensão e alerta. Ao observarmos o aumento da criminalidade e o desrespeito pela lei e a ordem, ficamos naturalmente chocados e alarmados.

Não podemos e não devemos ser insensíveis às fôrças do mal que nos rodeiam, especialmente às conspirações cujo objetivo declarado é o de destruir a fé em Deus, semear discórdia e contenda entre os homens, visando a solapar, enfraquecer, senão destruir inteiramente, a nossa forma constitucional de govêrno, e a enfraquecer e subverter os ideais da nossa geração mais jovem. Quando atos e esquemas são manifestamente contrários à palavra revelada de Deus, juntamente com os meus associados sinto-me justificado em advertir o nosso povo contra isso.

Uma das grandes influências sôbre a minha juventude foi a memorização desta importante Escritura: "Meu espírito não habitará em tabernáculo imundo." Lembro-me de outras advertências. Uma delas recebi quando menino. Sentava-me ao lado do meu pai, enquanto nos dirigíamos a Ogden. Pouco antes de atingirmos a ponte sôbre o rio Ogden, saiu um homem de um bar na margem norte. Reconhecí-o, e apreciava-o por tê-lo visto no palco. Mas nesta ocasião estava sob a influência do álcool, e estava naquele estado, suponho, por vários dias.

Quando nos viu, descontrolou-se e gritou pedindo a papai 50 centavos para que pudesse tornar a beber no bar... Ao cruzarmos a ponte papai me disse: "David, o homem que você acabou de ver embriagado costumava sair comigo em visita às casas dos membros da ala na qualidade de representante do Sacerdócio." Isto foi tudo quanto papai me disse sôbre o incidente, mas foi uma advertência tão vívida sôbre os efeitos do desregramento que jamais a esqueci.

Pouco mais tarde, um dos nossos professôres deu-nos a ler uma história a respeito de um grupo de jovens vogando rio abaixo, em direção às cataratas de Niágara. Não posso citar-lhes o título nem o autor dêsse velho livro escolar, mas posso recordar-me da lição, que tem estado comigo por tôda a vida, sôbre aquêles moços que se embebedavam e se divertiam enquanto navegavam rio abaixo. Um homem na margem, percebendo o perigo que corriam, gritou-lhes: "Ei, rapazes! Cuidado! Há corredeiras logo abaixo!" Mas êles ignoraram a advertência, desafiaram-no dizendo: "Estamos bem!" E continuaram, rindo e bebendo. Ao chegarem mais perto, o homem tornou a advertí-los, mas não lhe deram atenção até que, repentinamente, viram-se no meio das corredeiras, e apesar de todo seu esfôrço não conseguiam mais subir o rio. "Assim," disse o homem que tentara avisá-los, "foram-se corredeiras abaixo, gritando e praguejando!"

É um quadro impressionante, e deixou uma indelével impressão sôbre mim.

Assim escreveu um articulista na coluna de um semanário sôbre a juventude de hoje:

"Jamais a juventude esteve face a face com oportunidades mais emocionantes e influências mais letais. Jamais o caráter foi um fator tão decisivo para a sobrevivência dos jovens. Hoje, um jovem de doze anos deve estar de posse de um caráter muito forte para que não se torne falho e maculado.

"A via que leva da meninice à estatura de homem tornou-se como uma peneira: aquêles que não têm a dimensão exata do caráter escorregam para buracos e armadilhas. A taxa de fracasso da presente geração jovem será astronômica. A suposta geração mais abrigada, na realidade é a mais exposta.

"A sociedade jovem atual está quase tão sujeita às leis da sobrevivência quanto qualquer sociedade animal. Pode-se ver a juventude assediada e predada por abutres, lobos e parasitas: traficantes de entorpecentes, devassos, pervertidos, simonistas, bandidos, sedutores ideológicos. Por tôda parte vêem-se sêres humanos apodrecendo antes de amadurecerem." (Eric Hoffer, Salt Lake Tribune, Domingo, 16 de junho de 1968.)

Uma coisa é ficar à margem e gritar: "Ei, rapazes! Cuidado! Há corredeiras logo abaixo!" outra coisa é enfiar-se no rio e, se possível, juntar-se aos jovens no barco e pela persuasão, companheirismo e legítimo emprêgo da fôrça, quando necessário, salvar o barco das corredeiras. Muitos de nós ficamos à margem e gritamos. Entremos em suas vidas, toquemos sua personalidade com a nossa personalidade, e façamo-los sentir que há algo real nesta religião. Esta é a maior coisa da vida, nada mais pode fazê-los mais felizes e satisfeitos do que uma verdadeira vida religiosa.

Um homem limpo é uma riqueza nacional. Uma mulher pura é a encarnação da verdadeira glória nacional. Um cidadão que ama a justiça e odeia o mal é melhor e mais forte que um encouraçado. A fôrça de qualquer comunidade consiste nos homens puros, limpos, retos, predispostos ao direito e sensíveis a tôda aproximação do mal. Que tais ideais sejam o padrão da cidadania.

Confiamos na maioria dos jovens, mas não importa quão firme seja a nossa confiança nêles, não podemos fechar os olhos para o fato de que o número de delinqüentes e jovens criminosos está aumentando. No interêsse da atmosfera das nossas comunidades, do bem-estar do Estado e da perpetuação da nossa forma democrática de govêrno, devemos aplicar o remédio adequado e, se possível, remover as causas do crime.

Outra importante causa no aumento da delinqüência é o enfraquecimento dos ideais do lar. Uma mulher que se recusa a assumir as responsabilidades da maternidade ou que, tendo filhos, os negligencia em troca de prazer ou prestígio social, deserta do alto chamado e privilégio da feminilidade. O pai que devido aos negócios, responsabilidades políticas ou sociais, falha em partilhar com sua espôsa as responsabilidades de criarem filhos, é infiel às suas obrigações maritais, é um elemento negativo no que poderia e deveria ser um lar de alegre atmosfera, e é um possível contribuinte para a discórdia e a delinqüência.

O pai pode e deve exercer uma influência útil e repressora onde a ternura e o amor da mãe possa conduzir à indulgência com as crianças. A êsse respeito, entretanto, cada pai deve ter sempre em mente que também êle no passado foi um jovem traquinas, e tratar os filhos de maneira simpática.

O lar é o melhor lugar do mundo para ensinar o mais alto ideal da vida social e política do homem: a perfeita liberdade de ação enquanto não interfira com os direitos e privilégios de outrém. A maior necessidade nos lares norte-americanos de hoje é de mais religião. Os pais deveriam demonstrar claramente, por suas ações e palavras, que estão sèriamente interessados nos frutos da verdadeira religião. Depois do lar, a Igreja deveria ser a fôrça dominante na salvaguarda da nossa juventude.

Há uma poderosa fôrça na vida que resolverá os nossos problemas: religião! Desenvolvimento espiritual e integridade moral são fundamentais para as vidas de todos na construção de uma comunidade que contribuirá para a segurança e o avanço da nossa República ou de qualquer outra nação. O presidente Calvin Coolidge disse com verdade:

"O govêrno de uma nação jamais ultrapassa a religião dessa nação. Não há como substituir a virtude do homem pela autoridade da lei. Certamente, poderemos conseguir reprimir os viciosos e prover um razoável grau de segurança e proteção por meio da legislação e contrôle policial, mas as verdadeiras reformas pelas quais a sociedade nestes dias anda buscando ou virão como resultado das nossas convicções religiosas ou definitivamente não virão. "Paz, justiça, humanidade, caridade tais coisas não podem ser criadas por decreto."

Os princípios do Evangelho são o mais seguro e certo guia para o homem mortal. Jesus Cristo é a luz da humanidade! Nesta luz o homem vê claramente o seu caminho, quando esta luz é re-

jeitada, a alma do homem tropeça na escuridão. Nenhuma pessoa, grupo, ou nação pode alcançar verdadeiro sucesso sem seguir aquêle que disse: "Eu sou a luz do mundo, quem me segue não andará nas trevas, pelo contrário terá a luz da vida." (João 8:12).

Afirmo à juventude da Igreja e aos povos de todos os lugares: Deus existe, está próximo de nós. Tenham fé nêle, busquem-no diligentemente, e êle recompensará seus esforços. Submetam-se a êle e ao seu ambinte, para que possuam o testemunho que vem de dentro. Êste privilégio lhes pertence. Tal sentimento e testemunho podem ser obtidos buscando-se a Deus diligentemente. Vivam vidas retas e limpas, devotem-se não a si mesmos, mas à vida e à felicidade dos outros.

Para que possam obter êste testemunho, que ora presto a todos, oro em nome de Jesus Cristo, amém.

Discurso proferido pelo Presidente Nathan Eldon Tanner, segundo conselheiro da Primeira Presidência, na sessão da manhã do sábado, 5 de outubro de 1968, da 138.ª Conferência Semi-Anual da Igreja.

Se me Amais, Guardareis os Meus Mandamentos

Nathan Eldon Tanner

A convite do nosso líder, o Presidente David O. McKay, tenho o privilégio de contemplá-los neste grande tabernáculo nesta manhã, e o faço com tôda a humildade, rogando que o que eu venha a dizer esteja em harmonia com os ensinamentos de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Nós que ocuparemos esta posição durante esta conferência temos a responsabilidade de fazer segundo a recomendação de Paulo a Timóteo:

"Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com tôda a longanimidade e doutrina.

"Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres, segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceiras nos ouvidos;

"E se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas."

"Sabe, porém, isto: Nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis." (2 Tim. 4:2-4; 3:1)

Os últimos dias estão aqui, agora, e sua profecia está se cumprindo diante dos nossos olhos. Os homens estão recusando a sã doutrina e, segundo suas próprias cobiças, tapando os ouvidos à verdade, estão ouvindo aquêles que pregam segundo seus apetites. Em conseqüência, estamos sofrendo muitas tribulações em todo o mundo. Creio que atingimos uma etapa da história, a mais crucial a que a humanidade já teve que fazer face.

Pessoas conscientes e sérias em todos os campos de atividade concordam em que as presentes circunstâncias não poderão prolongar-se por muito tempo sem precipitarem uma das mais sérias crises que o homem já conheceu.

Ao considerarmos estas perturbadoras condições num mundo de turbulência, estou certo de que estaremos nos perguntando: "Por que há tanta contenda e ódio no mundo, entre as nações e dentro das nações, nas universidades e mesmo em grupos de comunidades locais, extendendo-se tais contendas, desconfianças e inquietudes até mesmo aos lares? Por que tal coisa é tão universal? O que podemos e devemos fazer para corrigir tais condições com as quais nenhum de nós está satisfeito ou feliz?"

Enquanto meditava sôbre tais assuntos, prossegui no estudo das Escrituras em busca de respostas. Como sabemos, a Sagrada Escritura está repleta de exortações, advertências e profecias pertinentes ao bem-estar da humanidade e condições dos últimos dias, ou seja, os dias em que vivemos.

Encontramos o mundo dividido em dois mundos opostos: um constitui-se de indivíduos e de nações cuja filosofia de vida é completamente materialista, que não sòmente rejeitam mas agressivamente repudiam o verdadeiro modo cristão de vida; no outro campo situam-se os que ainda retêm um reconhecimento nominal dos valôres morais e espirituais, e constituem o que chamamos civilização cristã. Uma das grandes tragédias desta geração, entretanto, é que muito da nossa assim chamada civilização cristã não faz mais que professar o cristianismo e, na verdade, muitos hoje nem sequer professam.

A única solução clara e segura para os nossos problemas é converter o nosso cristianismo professo em real, torná-lo pessoal, aplicá-lo às nossas vidas, aceitar Jesus Cristo como Filho de Deus e verdadeiro Salvador vivo da humanidade, "... porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos." (Atos 4:12)

Jesus Cristo não sòmente deu a sua vida por nós, deu-nos também claramente um plano de salvação e de vida, assegurando-nos que para obter a vida eterna devemos viver segundo a sã doutrina que é a palavra do Senhor, seja ela exposta por Deus ou por Jesus Cristo, ou pelos profetas de Deus. Responde claramente a importantes perguntas como: "Quem somos? De onde viemos? Há vida após a morte? Existe um Deus vivo e pessoal? Qual é a nossa relação para com Deus, o Pai Eterno? Jesus Cristo é o Salvador do Mundo e o Filho de Deus? O que devemos fazer para obter exaltação e gozar a vida eterna?"

Em busca de respostas para essas questões, recorramos às palavras do Senhor e às dos seus profetas antigos e modernos.

Quando todos estávamos no mundo espiritual com Deus, o Pai, disse êle ao seu Unigênito, então em espírito com êle:

"Desceremos... e faremos uma terra onde êstes possam morar.

"E prová-los-emos com isto, para ver se êles farão tôdas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar." (Abraão 3:24-25, PGV)

"Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou homem e mulher os criou." (Gen. 1:27)

Quão enaltecedor e dignificante é saber que somos verdadeiramente filhos espirituais de Deus, feitos à sua imagem, que êle e Jesus Cristo são deuses pessoais, que estão interessados em nós e que "... Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquêle que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna." (Jo. 3:16)

Jesus Cristo é o Filho de Deus, tal como afirmado nas Escrituras antigas e modernas. Em diferentes ocasiões, Deus o apresentou aos homens na terra nestas palavras: "Êste é o meu Filho amado. Ouví-o" (Mt. 3:17; 3 Ne. 11:7; Joseph Smith 2:17)

Jesus ensinou que nós, como filhos espirituais do Pai, com esta centelha de divindade em nós, podemos nos tornar como êle mediante a guarda dos seus mandamentos. Também disse: "Examinais as Escrituras... são elas mesmas que testificam de mim." (Jo. 5:39). E como disse Paulo aos Romanos: "Pois tudo quanto outrora foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência, e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança." (Rom. 15:4)

Novamente temos as palavras de Jesus: "E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (Jo. 17:3)

Em resposta à pergunta: "Se morrer, tornarei a viver?" Respondeu: "... Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente..." (Jo. 11:25-26) Êle deu a sua vida e foi ressuscitado para que o homem não viesse a permanecer para sempre no túmulo.

Assegurou à multidão: "Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fôra, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também." (Jo. 14:2-3)

Com respeito à sua ressurreição, temos também o testemunho de Paulo, que no passado fôra perseguidor dos santos e negava a Cristo, de que tanto os apóstolos, quanto êle mesmo e centenas de outros haviam visto o Cristo após sua ressurreição "ao terceiro dia, segundo as Escrituras." (I Cor. 15:4)

Quão afortunado é o que aguarda a ressurreição como um importante passo no progresso eterno e prepara-se agora para o encontro com Deus.

Ao comparecer ao funeral do nosso leal e devotado colega e fiel servo do Senhor, William J. Critchlow Jr., fiquei grandemente impressionado pela serenidade da sua espôsa, dos seus filhos e mesmo dos seus netos. Haviam sido ensinados e acreditavam na ressurreição literal, e sabiam que seriam reunidos como família. Tentei comparar seus sentimentos com os daqueles que não têm tal fé, que não aceitam sã doutrina, mas que buscam em vão pela esperança. Orei humildemente ao meu Pai Celestial para que me capacitasse a tocar o coração de alguns, e ajudá-los a apreciarem e compreenderem que grande alegria, satisfação e segurança a fé na ressurreição traz.

Com todos os irrefutáveis testemunhos dos profetas sôbre as verdades do Evangelho, por que é tão difícil para o homem aceitar e suportar a sã doutrina, que é tão importante para todos nós? Algumas razões são evidentes.

Primeira: a influência de Satanás sôbre a humanidade. No mundo espiritual, antes que êste mundo existisse, Satanás rebelou-se por ter sido rejeitado o seu plano. Disse Deus: "Portanto, por causa de Satanás ter-se rebelado contra mim e ter procurado destruir o livre arbítrio do homem... fiz com que êle fôsse expulso pelo poder do meu Unigênito.

"E êle tornou-se Satanás, sim, o próprio diabo, o pai de tôdas as mentiras, para enganar e cegar os homens, e levá-los cativos à sua vontade, mesmo a todos quantos não ouvirem minha voz." (Moisés 4:3-4)

Satanás então propôs-se a fazer tudo o que estivesse dentro das suas fôrças para derrotar a obra da retidão, assim agita-se de um lado para outro, buscando destruir as almas dos homens. Fá-lo por ardís e lisonjas, e por meio dos seus emissários que ensinam falsas doutrinas a todos que os queiram ouvir. Parece que estão conseguindo um grande sucesso.

Anti-Cristos e promotores da teoria de que Deus está morto, céticos e alguns que se dizem líderes religiosos, estão ativamente engajados no ensino de doutrinas falsas e em usarem todos os meios hostis para balarem e destruirem a crença em Deus e nas Escrituras, cumprindo assim a profecia de Jesus Cristo quando disse:

"Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível os próprios eleitos." (Mt. 24:24)

Também, muitos ao tornarem-se instruidos nas coisas do mundo, tais como ciência e filosofia, tornam-se auto-suficientes e preparados para cederem ao seu próprio entendimento, ao ponto de julgarem ser independentes de Deus, e devido à sua instrução mundana pensam que se não podem provar física, matemática ou cientìficamente que Deus vive, podem sentir-se livres para questionar ou negar Deus e Jesus Cristo. Então muitos dos nossos professôres começam a ensinar coisas perversas, seduzir discípulos, e a nossa juventude que a êles enviamos para obterem instrução aceitam-nos como autoridades, e muitos por causa disto perdem sua fé em Deus.

Um estudante que há pouco havia recebido seu grau de doutor em filosofia falava-me dos ataques que são feitos ao cristianismo, ou à crença em Deus, e sôbre como é difícil suportá-los, particularmente para aquêles que não foram ensinados em seus lares ou não obtiveram um testemunho da sua veracidade. Disse-me que um professor escarnecera dêle com esta declaração: "Certamente, você não crê nessa conversa arcáica que encontra na Bíblia e no Livro de Mórmon," e dispendeu algum tempo com êle tentando afastá-lo da verdade.

Não posso compreender que um cientista de pseudo-intelectualidade, ou quem quer que seja cuja tarefa deva ser a busca da verdade, tenha a temeridade de colocar-se como autoridade em religião, a ponto de desafiar, para não dizer negar, os ensinamentos de Deus o Pai Eterno, o Criador do mundo, e de seu Filho Jesus Cristo, por não poder prová-los cientificamente.

Quão mais sábio e melhor é para o homem aceitar as simples verdades do Evangelho e como autoridade aceitar a Deus, o Criador do mundo, e seu Filho Jesus Cristo, e aceitar pela fé estas coisas que não pode provar em contrário, e para as quais não pode dar melhor explicação. Êle deve estar preparado para reconhecer que há certas coisas, muitas e muitas coisas, que não pode entender.

Como podemos negar ou mesmo descrer de Deus quando não podemos compreender as mais simples coisas ao nosso redor: como funciona a fôlha, o que é a eletricidade, o que são as nossas emoções, quando o espírito entra no corpo, e o que ocorre quando o deixa? Como podemos dizer que devido a não compreendermos a ressurreição não há ou não pode haver ressurreição?

Fomos admoestados: "Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento (Pv. 3:5) E somos avisados: "Ai dos que são sábios a seus próprios olhos, e prudentes em seu próprio conceito." (Is. 5:21).

Como pode o homem crer e saber que pode viajar em naves espaciais em tôrno da terra a milhares e milhares de quilômetros por hora, e ainda assim manter comunicação com a terra e ser mantido no seu curso com a convicção de que mantendo-se em sintonia com a base, será guiado de volta para um pouso seguro; e como um mero homem pode também construir aparelhos tais como o "Surveyor", que foi enviado à lua, mantendo-se em contato com a terra de onde era controlado e para onde enviara informações; e ainda dizer que é impossível para Deus, o criador do mundo, comunicar-se com o homem, sua própria criação, que viaja no espaço numa espaçonave criada por Deus, conhecida como terra, e que mantendo-se em sintonia com a base pode assegurar-se de um seguro retôrno ao ter completado sua excursão aqui na terra?

Para que se possa retornar, é da mais alta importância que nós e nossos filhos conheçamos, compreendamos e apliquemos os ensinamentos de Jesus Cristo nas nossas vidas. Para entendermos, precisamos ser ensinados. A questão é: Onde e como devemos ser ensinados? Não é permitido ensinar nas escolas o Evangelho, o lado espiritual da vida. Na verdade, na maioria das nossas escolas, e particularmente nas universidades, como salientamos antes, a crença em Deus e os ensinamentos de Jesus Cristo são ridicularizados.

A maioria das pessoas acha que o ensino do Evangelho deveria ser deixado às igrejas, mas sòmente uma pequena porcentagem dos pais, ou dos filhos, frequentam-nas. E mesmo a essa pequena minoria que as frequenta, a maioria das igrejas tem falhado em ensinar a doutrina sã e inadulterada tal como nos foi dada pelo Salvador e pelos profetas por meio de quem o Senhor fala.

Quantas igrejas ensinam hoje que Deus é uma pessoa? Que fomos feitos à sua imagem, como Deus mesmo disse que fomos? Será que realmente compreendemos o quão difícil é crermos e amarmos um Deus que não tem corpo, partes ou paixões, como tantas seitas ensinam hoje em dia? Em qualquer circunstância, como o Senhor tem dito, as verdades do Evangelho, que são as coisas mais importantes da nossa vida, precisam de ser ensinadas em nossos lares. Estas são as suas palavras:

"... se em Sião ou em qualquer das suas estacas organizadas, houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus

vivo, e do batismo e do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos... sôbre a cabeça dos pais seja o pecado.

"E êles também ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor." (D&C 68: 25, 28)

Para auxiliar aos pais no seu dever, o Senhor fala por meio dos seus profetas. Nestes últimos dias, a revelação conhecida como Palavra de Sabedoria foi dada ao mundo por meio do Profeta Joseph Smith. Entre outras coisas, aconselha contra o uso do fumo, do álcool, e com ela é dada uma promessa.

Se apenas nos lembrássemos de observar a Palavra de Sabedoria, não haveria motoristas bêbados causando milhares e milhares de acidentes e mortes nas rodovias; haveria muito menos pobreza, menos lares desfeitos, nenhum alcoólatra e nenhum crime seria cometido por causa da influência do álcool. Ninguém estaria sofrendo ou morrendo de câncer no pulmão e de outras doenças causadas pelo uso do fumo. Nesta revelação também temos a promessa:

"E todos os santos que se lembrarem e guardarem e fizerem estas coisas, obedecendo aos mandamentos, receberão saúde para o seu umbigo e médulas para os seus ossos;

"E acharão sabedoria e grandes tesouros de conhecimento, até mesmo tesouros ocultos;

"E correrão e não se cansarão, caminharão e não desfalecerão.

"E eu, o Senhor, lhes faço a promessa de que o anjo destruidor os passará como aos filhos de Israel, e não os matará." (D&C. 89: 18-21)

Pais, não devemos tornar-mos tão apegados às coisas mundanas que venhamos a fracassar em ensinar as doutrinas de salvação, pelo exemplo e por preceito, aos nossos filhos. Devemos ensiná-los a crer em Deus, a crer que Jesus Cristo, seu Filho, é o Salvador do mundo, que deu a sua vida para que pudéssemos ressurgir.

Quantas famílias hoje reunem-se para orar, ou para ensinar a seus filhos a orarem em segrêdo a um Deus pessoal que ouvirá e responderá às orações, ou para ensiná-los a amarem ao próximo?

Quão melhor seria o mundo se todos os pais realizassem uma Reunião Familiar semanal, ensinando aos seus filhos a palavra do Senhor. Tão sòmente aceitando e vivendo o que êle chamou "o grande mandamento da lei" criaríamos um céu na terra onde todos poderiam habitar em paz e felicidade. O Senhor disse:

"... Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de tôda a tua alma, e de todo o teu entendimento.

"Êste é o primeiro e grande mandamento.

"O segundo, semelhante a êste é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. "Dêstes dois mandamentos dependem tôda a lei e os profetas." (Mt. 22: 37-40)

Disse mais: "Se me amais, guardareis os meus mandamentos." (Jo. 14:15)

Se amássemos aos nossos semelhantes, não roubaríamos, não mataríamos, não adulteraríamos, não prestaríamos falsos testemunhos nem qualquer outro mal ao nosso próximo.

Bendita a pessoa que em verdade pode dizer que crê em Deus, o Pai Eterno, em seu Filho Jesus Cristo e no Espírito Santo; que mediante o sacrifício de Cristo, tôda a humanidade pode ser salva por obediência às leis e ordenanças do Evangelho; que está preparada para arrepender-se e ser batizada para remissão dos seus pecados; e que aceita e vive os ensinamentos de Jesus Cristo.

Presto testemunho de que estas coisas são verdadeiras, em nome de Jesus Cristo, amém.

Discurso proferido pelo Presidente Joseph Fielding Smith, conselheiro da Primeira Presidência, na sessão matinal de domingo, 6 de outubro de 1968, da 138.ª Conferência Semi-Anual da Igreja.

O Reino de Deus é Eterno

Joseph Fielding Smith

Estou muito grato pela oportunidade de poder reunir-me com vocês, irmãos e irmãs, nesta sessão da conferência e em tôdas as demais.

Regozijo-me extremamente na verdade. Agradeço ao Senhor todos os dias de minha vida, pela sua bondade e misericórdia, cuidado amoroso e proteção que tem dispensado a todo o seu povo, e por tôdas as manifestações da sua misericórdia e bênçãos para conosco em tôda a terra e durante todos êstes anos desde a organização da Igreja em 6 de abril de 1830.

Nossa missão é salvar, preservar do mal, exaltar a humanidade, trazer a luz e a verdade ao mundo, prevalecer sôbre o povo da terra, andar em retidão diante de Deus, honrá-lo em nossas vidas e com as primícias de nossos bens e prosperidade.

Desejo dizer que o "mormonismo", tal como é chamado, continua como sempre, a ser nada menos que o poder de Deus para a salvação de tôda a alma que o receba e o obedeça. Digo-lhes que os santos dos últimos dias, onde quer que se encontrem, desde que mereçam essa designação e sejam fiéis ao seu chamado e à sua compreensão do Evangelho, são pessoas que defendem a verdade, a honra, a virtude, a pureza de vida, a honestidade nos negócios e na religião; pessoas que se colocaram do lado de Deus e da sua justiça, da sua verdade e da sua obra na terra, e a favor da salvação dos filhos dos homens.

Temos trabalhado todos êstes anos na Igreja para trazer os homens a um conhecimento do Evangelho de Jesus Cristo, trazê-los ao arrependimento e à obediência dos requisitos da lei divina. Temos nos esforçado para salvar os homens do êrro e persuadí-los a abandonarem o mal e aprenderem a fazer o bem.

O Evangelho de Jesus Cristo é o poder de Deus para a salvação, e é absolutamente necessário que todos os membros da Igreja obrem virtuosamente, observem as leis de Deus e guardem os seus mandamentos, para que possam merecer o poder de Deus para a salvação nesta vida, e para que o íntegro povo do convênio da Igreja possa ser magnificado e acrescido, até que o mundo se curve e reconheça que Jesus é o Cristo, e que há um povo em preparação para o seu retôrno em poder e glória.

Levamos ao mundo o ramo de oliveira da paz. Apresentamos ao mundo a lei do Senhor, a verdade, tal como foi revelada nos últimos dias para a redenção dos mortos e para a salvação dos vivos. Não temos malícia ou má fé para com os filhos dos homens. O espírito de perdão satura os corações dos santos, que não acalentam nenhum desejo ou sentimento de vingança contra os seus inimigos.

Dizem em seus corações: Julgue o Senhor entre nós e nossos inimigos, nós porém os perdoamos e não guardamos ressentimento de ninguém. Embora possa ser dito com alguma verdade que em comparação com o restante dos homens, não passamos de um grupinho, na verdade devemos ser comparados ao fermento de que falou o Senhor, e que eventualmente levedará o mundo todo. Os homens devem abandonar os seus preconceitos, desejos pessoais, ambições e preferências, e prestar deferência à grande causa da verdade que está se espalhando pelo mundo afora.

O espírito do Evangelho conduz os homens à justiça, a amarem ao próximo e trabalharem pela sua salvação e exaltação; inspira-os a obrarem o bem, a evitarem até mesmo a aparência do pecado. O objetivo e o propósito desta obra é a felicidade eterna do homem, nesta e na vida vindoura.

Os frutos do Espírito de Deus — os frutos da verdadeira religião — são a paz, o amor, a virtude, a honestidade, a integridade e a fidelidade a todo princípio conhecido da lei do Senhor. Lendo-se o quinto capítulo da epístola aos Gálatas, descobre-se a diferença entre os frutos do Esprito de Deus e os frutos do Espírito do mundo.

Esta é uma das grandes diferenças entre o assim chamado "Mormonismo" e as teologias do mundo. Se nos curvarmos aos seus mandatos e adotarmos os seus princípios em nossa vida, transformar-nos-á em filhos e filhas de Deus, dignos de eventualmente habitarmos na presença do Todo-Poderoso nos céus.

O reino de Deus e a obra do Senhor espalhar-se-ão mais e mais, progredindo mais ràpidamente no futuro do que fêz no passado. O Senhor o disse, o Espírito o afirma, e eu dou testemunho disso porque sei que é verdade.

O reino de Deus está aqui para crescer, difundir-se, enraizar-se na terra e fixar-se onde o Senhor o plantou pelo seu poder e pela sua palavra, para jamais ser destruido, mas continuar até que os propósitos do Todo-Poderoso sejam alcançados, e cumpridos todos os princípios proferidos pelos profetas desde que o mundo começou. É a obra de Deus, que êle, na sua sabedoria restaurou na terra nestes últimos dias, assentou-a sôbre princípios de verdade e de justiça, de pureza de vida, que não podem ser derrubados ou entregues a outro povo enquanto a maioria da Igreja guardar os convênios com o Senhor e mantiver-se pura e incontaminada pelo mundo.

Nenhum povo jamais poderá prosperar e florescer por muito tempo a menos que permaneça na divina verdade. A verdade é poderosa e prevalecerá. Afirmo que jamais, desde a organização da Igreja, foi esta dirigida por um homem. Tal não se deu nos dias de Joseph Smith nem nos dias de Brigham Young, nem se deu desde então. É do Senhor a obra, afirmo, e espero que todos possam gravá-lo bem, para que não se esqueçam de que é o Senhor que irá realizar a obra e não o homem.

Homem algum jamais terá a honra de realizá-la, tão pouco terá poder para isso em sí mesmo. Fôra obra do homem, haveríamos de estar como o restante do mundo, e não seria verdadeiro afirmar-nos como escolhidos de Deus no mundo, mas seríamos parte do mundo; no entanto, a verdade é que Deus nos escolheu do mundo, e já não somos do mundo.

Ao voltarem para casa, levem isto consigo, quer tenham o habito de fazê-lo, quer tenham negligenciado seu dever. Retirem-se para os seus aposentos, a sós ou com suas famílias reunidas, ajoelhem-se diante do Senhor em louvor e ação de graças pela misericordiosa providência que têm dispensado sôbre o seu povo, desde o começo da obra até agora. Lembrem-se de que é o dom de Deus ao homem, o seu poder e a sua influência orientadora que tem realizado o que vemos. Não se deveu à sabedoria dos homens. Os homens são instrumentos nas mãos do Senhor para a realização dos seus propósitos, e não deveríamos negar que o são; devemos honrá-los, mas se pretendermos conferir-lhes a honra pela realização desta obra, tomando-a do Senhor que os qualificou para o trabalho, estaremos injustiçando nosso Pai Celestial.

Êle fará ràpidamente sua obra em justiça, apressará os seus propósitos no seu devido tempo. Cumpre-nos procurar apenas acompanhar o ritmo do progresso da obra do Senhor; em contrapartida êle nos preservará e nos protegerá, preparando diante de nós o caminho.

Estou grato ao Meu Pai Celestial por ter-me permitido viver nesta geração, podendo conhecer algo dos princípios do Evangelho. Sou grato por ter recebido o privilégio de ter um testemunho da sua verdade, e de poder daqui e de outros lugares prestar meu testemunho sôbre a verdade de que o Evangelho foi restaurado ao homem. Tenho viajado entre as nações pregando o Evangelho e tenho visto algo das condições do mundo, estou cônscio de que o Evangelho, tal como revelado pela Bíblia, não pode ser encontrado no mundo.

As ordenanças do Evangelho não são administradas em nenhuma igreja, com exceção da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Não ouvem o testemunho dos que lhes afirmam que o Senhor vive e de que é capaz de revelar sua vontade ao homem hoje, tal como sempre o fêz. Não podem progredir nem aprender os caminhos do Senhor nem caminhar pelas suas sendas.

Esta foi a senda apontada por Pedro e pelos apóstolos quando o Espírito do Senhor veio sôbre êles com grande poder para convencer os corações das pessoas que clamavam: "Que faremos, irmãos?" Respondeu-lhes Pedro: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo." (Atos 2:37-38)

Êsse foi o conselho que lhes foi dado, e, aqueles que o obedeceram, capacitaram-se a receber o testemunho do Espírito Santo que lhes traria paz e felicidade, lhes revelaria os seus deveres e os habilitaria a compreender a sua relação com o Senhor.

Ao contemplarmos as condições do mundo atual, somos levados à conclusão de que não é provável que a paz em breve seja estabelecida sôbre a terra. Nada há entre as nações que tenda para a paz.

O Senhor Todo-Poderoso é o Criador da terra, Pai dos nossos espíritos. Tem o direito de ditar o que devemos fazer, e é nosso dever obedecermos e andarmos segundo os seus requisitos. O Evangelho foi restaurado à terra, o Sacerdócio reestabelecido, e ambos são desfrutados por êste povo. O mundo não pode compreender isto, e o observa com admiração.

Sabemos que Jesus Cristo vive, sabemos que é nosso Redentor e Salvador, temos um testemunho disto, independentemente de qualquer livro já escrito, e testificamos destas coisas ao mundo. Estamos engajados na grande obra de pregação do Evangelho a tôdas as nações. É uma grande e gloriosa obra. Cremos ser correto amar a Deus com todo o nosso coração, e amar ao nosso próximo como a nós mesmos.

Êstes são alguns dos princípios do Evangelho, que nos foram ensinados desde que nos tornamos membros da Igreja. O Evangelho de Jesus Cristo é a perfeita lei da liberdade e conduzirá o homem à mais elevada glória, exalta-lo-á na presença de nosso Pai Celeste se tão sòmente estiver disposto a ouvir os conselhos daqueles a quem o Senhor apontou para guiá-lo.

Não pedimos opiniões de nenhum homem. Prestamos testemunho destemido de que tais coisas são verdadeiras. Sabemos que aquêle em quem confiamos é Deus, pois tal nos foi revelado. Não estamos no escuro nem obtivemos o nosso conhecimento de algum homem, ou homens, mas através da revelação de Jesus Cristo. Não há perigo em abandonar as loucuras e os males do mundo, inclinando-nos com humildade diante do Senhor pelo seu Espírito, em obediência às palavras do Salvador, sendo batizados para remissão de pecados e recebendo imposição de mãos para o dom do Espírito Santo, para que possamos ter testemunho da veracidade destas palavras.

Façam tais coisas humilde e honestamente, e tão certo como vive o Senhor, prometo que receberão o testemunho desta obra e a conhecerão como todos os santos dos últimos dias deveriam conhecê-la. Esta é a promessa, firme e segura, e muitos há nesta congregação que podem prestar testemunho de que verificaram o seu cumprimento neste dia. Êste testemunho vem de Deus e convence a todos a quem é dado e é de mais valor para os homens do que quaisquer sinais ou dons, porque traz a paz, a felicidade e o contentamento à alma.

Assegura-me de que Deus vive, e de que se for fiél obterei as bênçãos do Reino Celestial. A terra será purificada e preparada para habitação de sêres celestiais, e o Senhor nosso Deus virá habitar sôbre ela e então será o Milênio. O Evangelho é salvação, e sem êle tudo perde seu valor. É em pós dêle que estamos. A razão pela qual estamos aqui é para que possamos vencer tôda fraqueza e nos preparar-mos para a vida eterna no futuro.

Sejamos fiéis e humildes, vivamos a religião de Jesus Cristo; despojemo-nos das fraquezas da carne e apeguemo-nos ao Senhor, à sua verdade com coração uno, com inteira determinação de combater o bom combate da fé e continuar firmes até o fim, para que possa Deus nos conceder fôrças, em nome de Jesus Cristo. Amém.

Discurso proferido pelo Presidente Alvin R. Dyer, conselheiro da Primeira Presidência, durante a sessão matinal de domingo, 6 de outubro de 1968, da 138.ª Conferência Semi-Anual da Igreja.

Um Destino Religioso, Não Político

Alvin R. Dyer

Meu discurso diz respeito aos Estados Unidos.

Desde a fundação dêste país, os líderes políticos tem decantado a grandeza dos Estados Unidos e do seu lugar no mundo como berço da liberdade e da democracia, cujo destino é a disseminação dêsses princípios no restante do mundo.

Temos testemunhado os Estados Unidos tentarem fazer isto por vários meios, mas está aprendendo por meio de uma custosa e árdua experiência que a liberdade não pode ser tomada ou dada a nenhum povo, nem pode ser comprada. Os Estados Unidos necessitarão aprender a lição, tal como o fizeram os seus pais fundadores, que a liberdade deve ser buscada com coragem e sacrifício, que não pode mantê-la em casa ou levá-la a outros a menos que tal tipo de busca seja empregado.

Quanto ao destino dos Estados Unidos, politicamente falando, não estou preparado para comentar, mas sei que muito antes de os navios de Colombo haverem tocado suas praias, muito antes da sua independência e de terem os pais fundadores estabelecido uma nova nação, os acontecimentos vinham se compondo para dar à terra que hoje chamamos América, o seu destacado destino e propósito.

Tenho a firme convicção de que o verdadeiro destino dos Estados Unidos é religioso e não político, espiritual e não físico.

Muitos têm dito muito sôbre a sua fundação. O Profeta Joseph Smith declarou que a Constituição dos Estados Unidos foi divinamente inspirada, devido a isto oramos pela continuidade dos seus propósitos. Não obstante, por mais nobres e elevadas que sejam as fases políticas do seu estabelecimento, o seu significado real jaz no seu propósito espiritual, para o qual foi fundado verdadeiramente. Escolhi duas dessas razões espirituais, e portanto de divino propósito, para as referir:

Primeiro: Os Estados Unidos foram fundados para cumprir um convênio feito por Deus com os antepassados patriarcais da casa de Israel. Falando a um remanescente desta casa que então habitava esta terra, o Senhor disse:

"Porque está na sabedoria do Pai que êles se estabeleçam nesta terra e sejam instituídos como um povo livre, pelo poder do Pai, para que estas coisas possam vir dêles para o resto da vossa semente a fim de que se cumpra a aliança que o Pai fêz com seu povo, ó casa de Israel." (3 Nefi, 21:4)

Segundo: Os Estados Unidos e a sua Constituição foram fundados para preservar para a humanidade o divino direito da liberdade moral. A respeito cito uma revelação dada a Joseph Smith sôbre êste ssunto:

"De acôrdo com as leis e as instituições do povo, as quais permiti que fôssem estabelecidas e devem ser mantidas para os direitos e a proteção de tôda a carne, de acôrdo com os princípios justos e santos;

"Para que todo homem possa agir em doutrina e princípio relativos ao futuro, de acôrdo com o princípio moral que eu lhe dei, para que todo homem seja responsável por seus próprios pecados no dia do juízo.

"Portanto, não é justo que um homem seja escravo de outro."

"E com êsse propósito estabeleci, pelas mãos de homens sábios que ergui para êsse mesmo fim, a Constituição desta terra, e redimi a terra pelo derramamento de sangue." (D&C 101:77-80)

Os povos que Colombo aqui encontrou eram remanescentes decadentes daqueles que vieram para esta terra divinamente guiados e em cumprimento dos convênios que Deus estabelecera muito antes das suas migrações e ocupações da terra, a qual o Senhor lhes anunciara como terra de promissão e herança.

Segundo o Livro de Mórmon, os Jareditas começaram a sua migração para esta terra por época da construção da tôrre de Babel. Isto ocorreu por volta do ano 2200 a.C., quando então foi confundida a língua do povo. Esta tôrre foi identificada em nossos tempos no lugar chamado Hillah, no moderno Iraque, a sudoeste da cidade de Bagdá, na margem oriental do rio Eufrates.

Ali acham-se ruinas conhecidas como Birs Nimrud, as quais erguem-se como uma tôrre na planície vasta. Rawlinson interpretou as inscrições que se acham nas ruinas piramidais como significando: "Templo dos Sete Planetas". Supõe-se que tais ruinas sejam o que restou da Tôrre de Babel.

Durante as viagens dos jareditas, primeiramente para o norte, para o vale de Nimrod e depois, após cruzarem muitos lagos e rios, chegando ao grande mar que separava os continentes, estabeleceram êles uma comunidade chamada Moriancumr, conforme o nome do seu grande líder, o irmão de Jared. (vide Éter 2:1-16)

Sabemos que o Senhor deu instruções ao irmão de Jared para a construção de barcos submersíveis que capacitariam sua colônia a cruzar as grandes águas para uma terra de promissão, a respeito da qual escreveu Moriancumr:

"Assim podemos ver os decretos de Deus relativos a esta terra, que é a terra da promissão; e tôdas as nações que a possuírem deverão servir a Deus, ou serão varridas quando a plenitude da sua cólera vier sôbre elas. E a plenitude da sua cólera virá sôbre elas quando houverem amadurecido em iniqüidade.

"Porque eis que esta é uma terra escolhida entre tôdas as outras; portanto, aquêles que a possuírem deverão servir a Deus, ou serão varridos, pois êste é o eterno decreto de Deus..." (Éter 2:9, 10)

Cêrca de 1600 anos mais tarde, ou seja, por volta de 600 a.C., um profeta chamado Lehi, juntamente com sua família deixou Jerusalém, que havia sido condenada, conforme lhe instruira o Senhor. Lehi e sua colônia, tal como os Jareditas séculos atrás, deveriam ser conduzidos a uma terra prometida. Falando a Nefi, filho de Lehi, enquanto ainda não haviam embarcado, permanecendo no deserto; disse o Senhor:

"Enquanto guardares meus mandamentos, prosperarás e serás conduzidos à terra da promissão; sim, à terra que preparei para ti, a qual foi escolhida entre tôdas as demais." (1 Nefi, 2:20)

Eventualmente, após muita tribulação, e uma perigosa jornada pelas grandes águas num navio construido segundo as instruções do Senhor, Lehi e a sua colônia, algo aumentada desde a sua partida de Jerusalém, alcançaram a terra prometida, provàvelmente no no 589 a.C.

Posteriormente, Nefi declarou:

"Mas não obstante as nossas aflições, disse êle, recebemos a terra da promissão, uma terra que foi escolhida entre tôdas as outras; a qual, segundo o convênio que o Senhor fêz comigo, será o país de herança da minha posteridade. Sim, o Senhor prometeu esta terra a mim e meus descendentes, e também a todos os outros que fôssem trazidos de outros países por sua mão." (2 Nefi, 1:5)

Enquanto a Reforma e a luta pela liberdade ganhavam momento na Europa continental e na Inglaterra, os eventos se sucediam conduzindo à redescoberta da América, pois Deus tocou o coração de um marinheiro chamado Cristóvão Colombo, o qual a seu tempo, em 1492 abriu o caminho para a terra prometida. Mas nem, Colombo, nem os nefitas ou os jareditas foram os descobridores originais, nem foram êles que estabeleceram o propósito do destino da America. Isto já havia sido estabelecido desde a infância da habitação da terra. Nestas migrações foram tão sòmente conduzidos à região do começo do homem sôbre a terra.

Sabemos que após seu ministério terreno entre os Judeus, a visita às ovêlhas de outro aprisco aqui na América e o estabelecimento da sua Igreja entre o povo, o Cristo ressurrecto falou da fundação da América e da restauração do seu Evangelho aos remanescentes da semente daqueles que então ocupariam esta terra, e a todos os filhos de Deus, o que se daria após um período de escuridão espiritual sôbre a terra. Nesta declaração o Senhor fala do destino desta grande terra:

"Em verdade vos digo que vos dou um sinal, a fim de que possais saber a hora em que estas coisas estarão prestes a suceder, quando dessa larga dispersão reunirei o meu povo, ó casa de Israel, e estabelecerei novamente entre êle minha Sião." (3 Nefi 21:1)

Na declaração seguinte o Senhor designou a América como a terra da herança daquêles que pertencem à casa de Israel e que serão ajuntados de tôda a terra.

"E então os remanescentes que estiverem dispersos pela superfície da terra serão recolhidos do leste e do oeste, do sul e do norte; e chegarão ao conhecimento do Senhor seu Deus, que os redimiu.

"E o Pai ordenou-me que vos desse esta terra por herança.

"E acontecerá que estabelecerei êsse povo nesta terra, em cumprimento do convênio que fiz com Jacó, vosso pai, e será uma Nova Jerusalém. E os poderes dos céus estarão no meio dêste povo, sim, eu mesmo estarei entre vós." (3 Nefi, 20:13, 14, 22) Para falar das Américas (do Norte, Central e Sul) como terra escolhida, terra consagrada, precisaremos retroceder ao princípio, o que nos ajudará a compreender.

É feita esta declaração nos escritos de Moisés que tratam da colocação do homem sôbre a terra:

"E eu, o Senhor, plantei um jardim ao oriente no Éden, e pus ali o homem que eu tinha formado." (Moisés 3:8)

Não era bom que o homem ficasse só, assim foi-lhe dada uma auxiliadora, para que ambos ocupassem o jardim que fôra plantado.

Quanto ao lugar em que foi o Éden, vale a pena lembrar que no processo de criação, durante o terceiro período, tôdas as águas foram ajuntadas em um só lugar, a porção sêca foi chamada terra, e às águas, mar.

À porção sêca, ou terra, foi dado também outro nome: Éden, e foi a oriente, no Éden, ou a oriente na terra sêca, que foi plantado o jardim para os nossos primeiros pais terrestres.

No decorrer do tempo desde a criação, nos dias de Pelegue, ou por volta de 2200 a.C., pouco antes da confusão das línguas, o continente único que assim permanecera desde a criação, foi dividido para produzir os hemisférios tal como agora os conhecemos. Não obstante, a localização geográfica do Jardim do Éden foi dada a conhecer ao Profeta Joseph Smith, sendo-lhe revelado que se situou no condado de Jackson, no Estado do Missouri, com a cidade de Independence como seu centro.

Quando Adão e Eva foram expulsos dêste jardim, viajaram para o norte cêrca de 160 quilômetros para se estabelecerem num lugar do qual tivemos conhecimento pela palavra revelada de Deus como sendo Adam-ondi-Ahman. Ali começou a vida familiar dos mortais, quando Adão e Eva geraram filhos e filhas aqui na América.

Adão e Eva, expulsos da presença de Deus, estabeleceram-se no lugar da sua habitação terrestre e invocaram a Deus. Foram instruidos a oferecer os primogênitos dos seus rebanhos sôbre altares como sacrifício ao Senhor, mandamento ao qual foram obedientes mesmo sem saberem a razão. Um anjo do Senhor lhes apareceu e então explicou-lhes a similitude com o sacrifício de Cristo, o Senhor, o qual viria à terra no seu tempo designado. Mais tarde, o plano evangélico de salvação e exaltação, pela reconciliação com Deus o Pai, de cuja presença haviam sido banidos, foi revelado pela primeira vez ao homem sôbre a terra.

O Santo Sacerdócio, segundo a ordem do Filho de Deus, o qual "ministra o Evangelho e retém as chaves dos mistérios do reino, a chave do conhecimento de Deus," foi conferido a Adão, o grande progenitor da família humana, daí terem-lhe sido dadas as "chaves da salvação". O Senhor, ou Ahman, assim fêz conhecer a Adão e Eva que, embora tendo caído e por isso ficado sujeitos tanto à morte física quanto espiritual, poderiam ser redimidos e reconciliados com Deus, o Pai.

Ao conferir as "chaves da salvação" a Adão, a revelação e o descerramento das condições de salvação foram-lhes dadas a conhecer, e por meio dêles à humanidade. Nisto podemos discernir o verdadeiro significado do têrmo "Adam-ondi-Ahman", ou simplesmente proveniente de "Ahman", que é o Senhor, "ondi" significando "por meio de" Adão à humanidade.

Na revelação já referida, à qual daremos maior atenção agora, o Senhor fala claramente das "chaves da salvação" que foram dadas a Adão, ou Miguel, seu nome pré-mortal, identificando o propósito pelo qual foram conferidas.

"A fim de que recebais a corôa para vós preparada, e vos torneis governadores de muitos reinos, diz o Senhor Deus, o Santo de Sião, o qual estabeleceu os alicerces de Adam-ondi-Ahman;

"O qual, designou Miguel para vosso príncipe, e firmou os seus pés, assentou-o no alto, e deu-lhe as chaves da salvação sob o conselho e a direção do Santo, o qual não tem princípio de dias nem fim de vida." (D&C 78:15,16)

"...pois na introdução da dispensação da plenitude dos tempos, a qual está começando a se introduzir, é necessário que haja uma união completa e perfeita, e uma solda de dispensações, e chaves, e poderes, e glórias, e sejam elas reveladas desde os dias de Adão até o tempo atual..." (D&C 128:18)

À luz desta revelação não é difícil ver porque os santos dos últimos dias estabeleceram-se em Adam-ondi-Ahman, para que êste importante e sagrado segmento da vida terrena do homem pudesse ser trazido ao testemunho do mundo por meio dos arautos enviados a proclamar as verdades e as ordenanças salvadoras do Evangelho restaurado de Jesus Cristo.

Temos o privilégio de, pela revelação dada ao Profeta Joseph Smith, ter um relato de um dos grandes eventos primevos que se deram no vale de Adam-ondi-Ahman.

"Três anos antes da sua morte, Adão chamou ao vale de Adam-ondi-Ahman, a Sete, Ênos, Cainã, Maalalel, Jared, Enoque e Matusalém, que eram todos sumo-sacerdotes, e ao restante da sua posteridade que era fiel, e aí lhes deu a sua última bênção.

"E o Senhor lhes apareceu, e êles se ergueram e abençoaram a Adão, e chamaram-no Miguel, o príncipe, o arcanjo.

"E o Senhor administrou confôrto a Adão, e disse-lhe: Eu te separei para seres a cabeça; uma multidão de nações procederá de ti, e tu és príncipe delas para sempre.

"Então Adão se ergueu no meio da congregação; e, embora curvado pela velhice, sendo cheio do Espírito Santo, predisse tudo o que haveria de acontecer à sua posteridade até à última geração.

"Tôdas estas coisas foram escritas no livro de Enoque, e delas se testificará no devido tempo." (D&C 107:53-57). Esta reunião familiar de Adão com sua posteridade justa ocorreu aproximadamente no ano 3177 a.C.

Assim, por meio dêstes breves relatos, podemos ver as razões pelas quais o continente americano é uma terra de promissão, escolhida entre tôdas as demais, pois foi aqui que teve início a humanidade e aqui foram estabelecidos os primeiros convênios. E foi do centro desta terra escolhida que Deus começou a sua grande obra dos últimos dias, a qual levará a cabo.

É de grande interêsse saber que na devida seqüência do tempo do Senhor, as terras e as águas retornarão às suas posições originais.

Sôbre êste assunto, disse o Senhor:

"E fará sair de Sião a sua voz, e de Jerusalém falará, e se ouvirá a sua voz entre todos os povos;

"E será uma voz como a voz de muitas águas e como a de um forte trovão, que abaterá as montanhas, e não se acharão os vales.

"Êle ordenará à grande profundeza, que se voltará para os países do norte, e as ilhas se tornarão uma so terra;

"E a terra de Jerusalém e a de Sião regressarão aos seus próprios lugares, e a terra será como nos dias de antes da sua divisão.

"E o Senhor, mesmo o Salvador, permanecerá no meio do seu povo e reinará sôbre tôda a carne." (D&C 133:21-25)

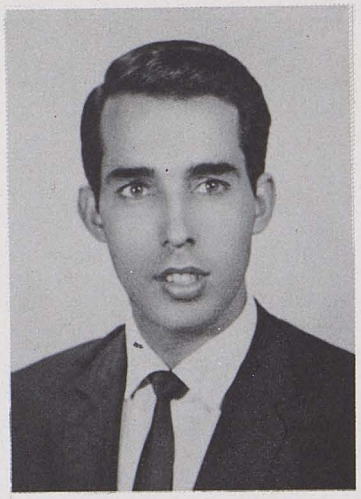
Os Estados Unidos, como Sião, não falharão. Uma vez que os Estados Unidos são uma terra escolhida dentre tôdas as demais, e é no "Lugar Central" que Sião será estabelecida, não falharão.

Os Estados Unidos, como Sião, não falharão, não sòmente por ser a terra dos ilustres pais da nossa independência e da nossa Constituição, mas porque é a terra de José, filho de Jacó, que assim foi estabelecida pelo convênio de Deus. É a terra da coligação de Israel no período culminante da última dispensação que Deus estabeleceu por meio do Profeta Joseph Smith.

Para realizar seus propósitos no destino dos Estados Unidos como Sião, temos estas palavras do Senhor com respeito ao seu povo:

"Mas, primeiro, que o meu exército se torne muito forte, e que se santifique perante mim, para que se torne belo como o sol, e claro como a lua, e que os seus estandartes sejam terríveis para as nações." (D&C 105:31)

Presto o meu testemunho sôbre o cumprimento destas profecias em nome de Jesus Cristo. Amém.



Osíris Cabral Tavares

Missionário Brasileiro Destaca-se em Missão no Exterior

LIMA, novembro, 14 — (informe especial de Allan Ballard, da Missão Andina) — Foi chamado para servir como assistente da presidência da Missão Andina, atualmente sob a presidência de Allen E. Litster, o missionário brasileiro Osiris Cabral Tavares, de São Paulo, vindo assim a ser o primeiro brasileiro a servir em tal função.

Entre os seus muitos talentos, fala fluentemente o espanhol e o inglês, capacitando-se dessa forma a ser bastante eficiente como élder viajante, percorrendo extensivamente tôda a Missão Andina em visita aos missionários e aos membros dos ramos locais.

Membro há apenas dez anos, o Irmão Cabral foi batizado em 15 de abril de 1959, desde então, pela sua capacidade de dedicar-se ao trabalho do Senhor e pela confiança que soube merecer dos líderes da Igreja, galgou ràpidamente várias posições no sacerdócio e na administração da Igreja. Ordenado élder em 21 de novembro de 1961, cinco anos depois foi achado digno de receber o grau de sumo-sacerdote, ao qual foi ordenado em 26 de agôsto de 1966, tornando-se o mais jovem membro da Igreja com êsse grau no Brasil.

Desde então, entre as tarefas a seu encargo estava a de lecionar para a classe dos sumo-sacerdotes. O inusitado disto estava em que os membros da sua classe incluiam o presidente da estaca São Paulo, membros do sumo-conselho da estaca, o bispo da sua ala, e seu pai, conselheiro da estaca.

Estas experiências não sòmente fizeram dêle o primeiro brasileiro a ser chamado para assistente do presidente da Missão Andina (geralmente o cargo é ocupado por experimentados missionários norte-americanos, os quais quase sempre foram nascidos sob o convênio), mas também o primeiro missionário da história da Missão Andina com o grau de sumo-sacerdote.

Parece ser natural para o Irmão Cabral estar sempre à frente em questões da Igreja.

*

Richard L. Evans

A Palavra Proferida

O Casamento é mais do que uma Cerimônia

Um dos meus alunos escreveu-me... comunicando seu noivado," diz William Lyon Phelps. "Não será uma grande cerimônia," observou, "mas será um casamento maravilhoso."[1] Estas palavras exprimem um simples fato que por vêzes é esquecido: o fato de que o casamento é muito mais do que uma cerimônia, infinitamente mais. Entre os fatos mais importantes a serem encarados, salientamos que o matrimônio é feito de deveres, de rotina e de responsabilidade da vida diária, dia após dia, e que êle é a relação entre duas pessoas imperfeitas, um relacionamento que exige caráter, lealdade, bom senso, convicções idênticas, a par de grande altruísmo e firme empenho de transformá-lo em sucesso completo e duradouro. "A arte de viver feliz com outra pessoa é, talvez, a maior de tôdas as artes," disse Phelps. "Naturalmente... requer tôda sorte de ajustamento."[1] "Querelas e ressentimentos surgirão, mas o importante é que não perdurem..."[2] No matrimônio, "duas personalidades distintas devem trabalhar por um objetivo comum," diz Temple Bailey. "Não é possível a um casal atingir a felicidade com os olhos postos em estrêlas diferentes... precisam escolher um único ideal e lutar por alcançá-lo... deixando de acalentar idéias impossíveis e de futuro incerto. Escolha o melhor dos seus sonhos e adapte-o à vida tal como ela é."[3] "O divórcio é o fracasso."[2] "A melhor meta", diz conhecida autoridade, "é o sucesso do casamento em si."[4] Encare tudo sob êsse prisma e lembre-se de que o matrimônio é uma associação de duas pessoas imperfeitas, um relacionamento que requer caráter, lealdade, senso de humor, convicções idênticas e bom senso, a par de muito altruismo e da firme decisão de torná-lo um sucesso completo e duradouro. O casamento é muito mais do que uma cerimônia. "O matrimônio é uma coisa bela e sagrada que depende apenas de você."[1]

(1) William Lyon Phelps, citando autor desconhecido.
(2) William Lyon Phelps, "Marriage Is What You Make It", Delineator, agôsto de 1932.
(3) Temple Bailey, "The Bride Who Makes Her Dreams Come True", Ladies Home Journal, junho de 1912.
(4) Dr. Paul Popenoe, "Make Your Marriage a Partnership", Ladies Home Journal, junho de 1942.

*